

ILUSTRAÇÃO

N.º 298 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

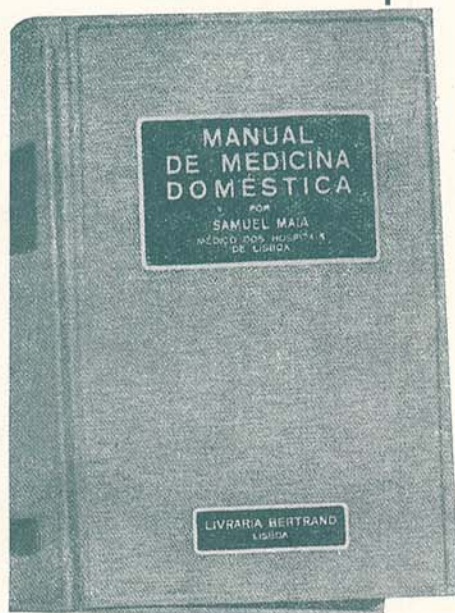
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

É assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Acaba de aparecer

AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume, brochado **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRACÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a GÔTA, a SCIÁTICA
OS REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos
e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Um grande sucesso de livraria

À venda a nona edição, revista

11.º MILHAR

F Á T I M A

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a cores e oiro . . **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de
água do mar quentes. Banhos
CARBO-GAZOSOS. Duches.
Irrigações. Pulverizações e Inalações. etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)



**Elasticidade
significa bem estar**

Com boa disposição vencem-se todos os obstaculos. Não sofra de dores de dentes ou de cabeça — recorra já á



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÊ

Apr. D. S. P. em 03 1913 500 o N° 28

**RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ACABA DE APARECER:

GIL VICENTE

O AUTO DA CANANEIA

Texto princeps.

Texto modernizado. Anotações e comentários

DE

AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Um volume, brochado **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE:—
2 0535

N.º 298—18.º ANO
16—MAIO—1938

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

ASSIM foi e assim devia ser neste nosso querido Portugal que é mari-

neiro por excelência. O segundo programa de construções, que compreende quarenta hidroaviões e vinte navios, veio mostrar em tóda a sua eloqüente extensão o engrandecimento do poder naval português. Dentro de três anos, Portugal possuirá uma esquadra moderna e eficiente, constituida por mais de quarenta unidades e apoiada por uma apreciável frota aérea. O imponente desfile da nossa esquadra em frente da Torre de Belém, que simboliza o nosso passado glorioso dos descobrimentos, encheu-nos de orgullo como competia a portugueses de alma e coração.

A naus impan-tes do Infante D. Henrique, do

O "DIA DA MARINHA,"

Albuquerque terrível, do Gama, de Cabral, de Bartolomeu Dias e tantos outros, aparecem-nos agora transformadas em barcos modernos, poderosos, eficientes. A evolução modificou os engenhos de ataque e defesa. Ao impulso

caldeiras. Às velhas peças que lançavam pelouros com uma lentidão enervante sucederam os canhões de tiro rápido e de enorme alcance. Tudo se modificou. Isto é, tudo não. A fé dos portugueses nos destinos da sua Pátria,

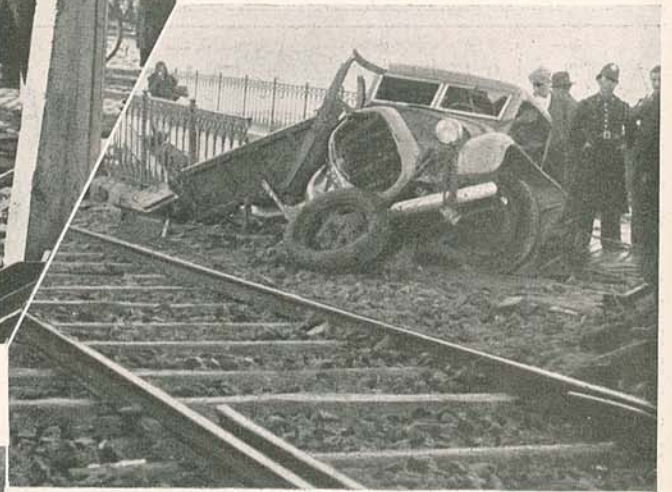
é que se mantém tal como nos tempos da descoberta do caminho marítimo para a Índia. O seu lugar no Mundo está definido por oitocentos anos de independência grandiosa e civilizadora. Quando um ou outro historiador nos venha dizer que o Portugal dos descobrimentos já não tem a energia de outrora, mostremos-lhe o prodígio actual da nossa frota marítima—e isso lhe bastará.



A horrorosa catástrofe de Viana do Castelo



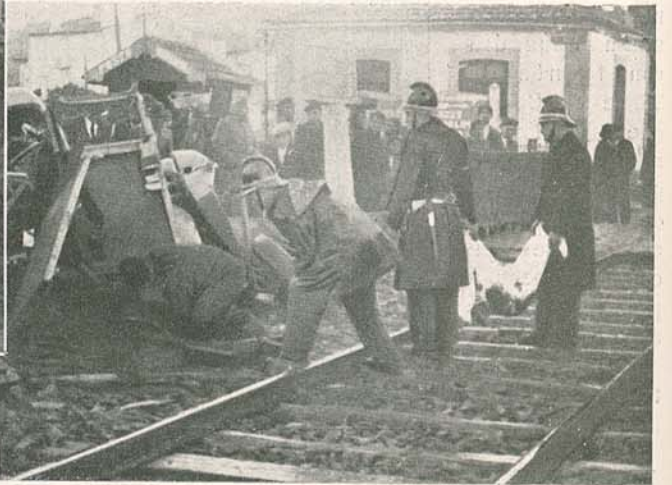
O lastimoso estado em que ficou a camioneta após o desastre em Viana do Castelo em que uma camioneta foi colhida por um combóio



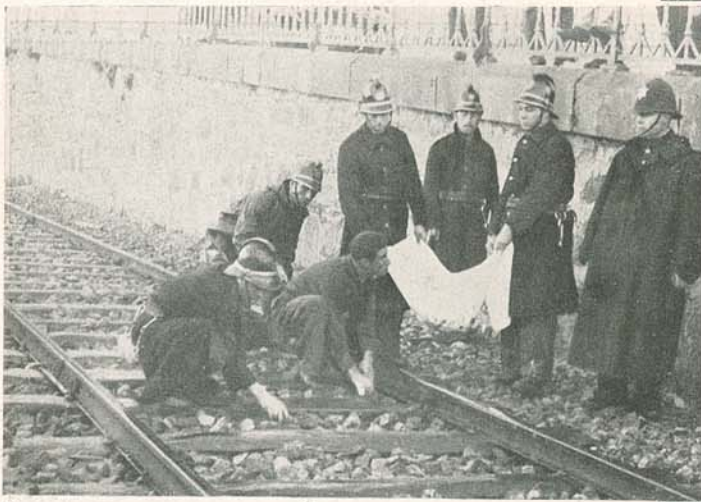
Um montão de destroços em que se perderam vinte vidas



Os bombeiros apanhando pedaços de carne das vítimas através da linha



Continua e horrorosa colheita de pedaços de carne e ossos das vítimas



Neste desastre em que morreram vinte pessoas e ficaram dezassete feridas, vê-se a triste recolha de restos espalhados na linha férrea

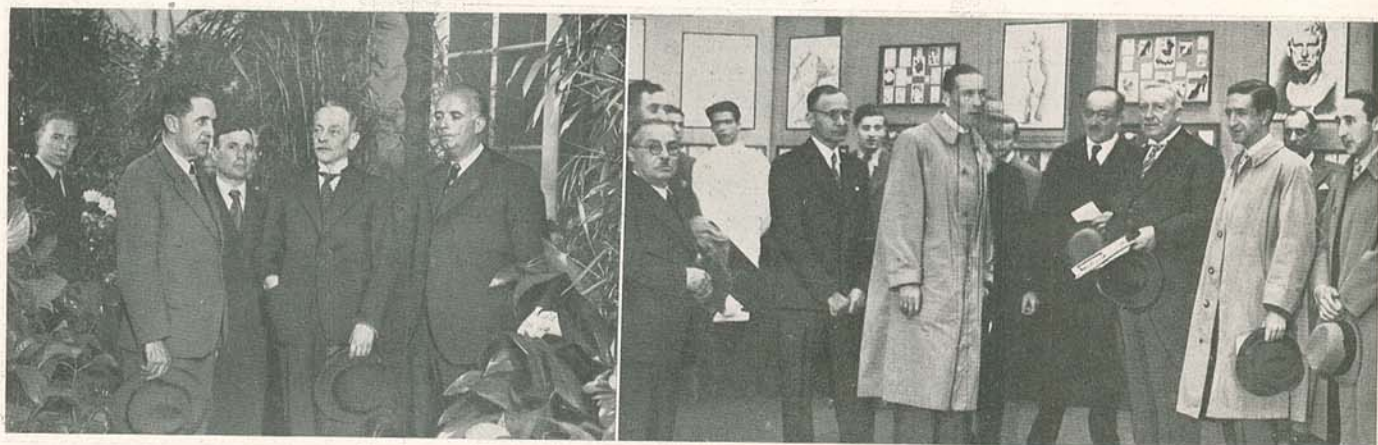


O TEMPORAL EM LISBOA



Aspectos das inundações no Cais do Tójo, na rua da Palma, na Avenida da Índia, na rua Bernardino Costa e no Cais do Sodré, vendo-se em cima, à direita, um agente da autoridade que se viu forçado a aproveitar o único meio de transporte disponível durante o temporal. Foi o caso de o polícia, ao conduzir um prêso, se lamentar da demora a que a inundaçã o forçava. O prêso, compreendendo a aflição do guarda, descalçou-se, arregaçou as calças e prontificou-se a levá o seu captor às cavaleiras

NOTÍCIAS DA QUINZENA



O sr. Presidente da República inaugurando nos salões do Sporting Clube de Cascais uma linda exposição de cactos e plantas decorativas. A' entrada e à saída do sr. general Carmona uma orquestra do Instituto de Cegos «Branco Rodrigues» executou o hino nacional — A' direita: Um aspecto da inauguração da exposição de trabalhos dos alunos da Escola Industrial António Arroio, na Sociedade de Belas Artes



O «Porto de Honra» na sede da Federação Portuguesa, vendo-se no primeiro plano, à direita, o sr. dr. José de Figueiredo, representante do sr. ministro da Educação Nacional. Os jogadores da equipa nacional de football, de regresso da Alemanha, foram triunfalmente recebidos em Lisboa e Porto e carinhosamente saudados à sua passagem em várias terras do País



D. Nicolau Franco, agente especial do Governo de Burgos, conversando com os representantes da Imprensa Portuguesa, antes de receber os cumprimentos das colectividades espanholas com sede em Lisboa. — A' direita: O sr. ministro das Colónias junto do aparelho que inaugurou a linha de ligação radiotelegráfica entre Lisboa-Macau-Mormugão

A XI EXPOSIÇÃO DO GRUPO SILVA PORTO

CADA exposição realizada pelo Grupo Silva Pôrto é uma nova homenagem ao saído artista invocado. Mestre Carlos Reis, seu filho João Reis e Falcão Trigoso — três sobreviventes do grande naufrágio artístico da barca da Pintura Portuguesa, mantêm-se firmes e desinteressados em pleno Mar Tenebroso de invejas, paixões mesquinhas e rivalidades ridículas.

O seu fim é honrar a memória do excelso artista. E, assim, lá vão todos os anos enfeitar a capela da sua saúde, estendendo na ara votiva as primícias da sementeira artística que com tanto desvelo realizaram.

É esta a XI Exposição do Grupo Silva Pôrto.

Mestre Carlos Reis, embora mestre de mestres, não se empertiga nêsse orgulho balofo que para aí surge freqüentemente entre pintores de tabuletas que um dia se abalançaram a bezuntar uma tela. Quantas vezes lhe temos ouvido falar com verdadeiro enternecimento de Mestre Silva Pôrto!

É que ainda está para nascer o Mestre que não tivesse sido discípulo. E bem ridículo se tornaria o antigo discípulo que, em vez de render um fervoroso preito de gratidão à memória dos antigos mestres, pretendesse esquecer a humilde escola da sua aldeia onde aprendeu as primeiras letras e acalentou as primeiras ilusões.

Mestre Carlos Reis, fiel à memória do seu amigo e mestre, mantém êste culto enternecedor que o seu filho João Reis e Falcão Trigoso auxiliam com uma fé inquebrantável de pa-



ladinos. E o espírito de Silva Pôrto paira sôbre essa Exposição e sente-se enlevado com essa ternura tão pouco vulgar e satisfeito com essa manifestação de arte bem nossa, bem nacional, bem portuguesa.

Bem hajam os sacerdotes de culto tão enternecedor!



EM CIMA: Oleo de Mestre Carlos Reis. — à esquerda: Um dos trabalhos expostos por João Reis — à direita: outro de Falcão Trigoso



A Albergaria, chamada na região a Casa dos Terceiros

mais que reis de armas e à larga mesa da Biblioteca, jogando o monte e beberricando, ia a manhã encontrar os abades..

A Ordem era rica e dava para os grandes bródios e para mais. A igreja era cuidada com todo o desvelo. Ainda no altar-mór se erguiam em tamanho natural, cortadas em madeira, as imagens de S. Domingos e S. Francisco. E pelos altares viam-se as figuras primaciais da folhinha franciscana, sobressaindo uma Santa Rosa, esculpida com arrojo e espeziosidade. Ao mesmo tempo

na Biblioteca ainda havia livros, quasi todos sermonários, em português, e espanhol e latim, não podendo hoje avaliar-se da importância das espécies que um certo Fr. Encerrabodes para ali trouxe no século XVII doutras casas de Portugal e de Espanha. Muitos dos livros estavam mutilados, outros comidos da humidade. O seu estado lamentável forneceu terna a Aquilino Ribeiro para uma cena de vandalismo que fantasia levada a cabo na livraria, por Celidónia e Libório.

NOTICIARAM os jornais que o convento de Caria, teatro do romance *A Via Sinuosa*, fôra assaltado pelos povos vizinhos, nada mais ficando de pé do que algumas paredes. Em 1917, quando Aquilino Ribeiro publicou o romance, que tanto interesse despertou na república das letras, aquela casa franciscana estava ainda intacta. Com a extinção das ordens monásticas tinha-se constituído uma confraria na região, a qual se arvorara em mantenedora do convento, com suas obras pias. O padre Ambrósio da *Via Sinuosa*, foi de facto ali capelão, mas a figura traçada pelo romancista supera de muito, mormente pelo que respeita ao domínio intelectual, o modelo, simples presbítero na próxima povoação dos Arcozelos. Todos os anos ali se celebrava um geral, em que eram comemorados os irmãos defuntos, tido na conta de festa rija. Descreve-o deste modo Aquilino Ribeiro: "As tristes e vivas salas ouviam novamente o tinido das canecas e ficavam a resceder por toda uma temporada, à vitela que a cozinha do convento, de chaminé taluda como resfolgadoiro de vulcão, assava ao antigo primor. Os mesários arrotavam



Campanário e entrada para a Livraria

OS VÂNDALOS DE HOJE EM DIA A DESTRUÇÃO DE UM CONVENTO

Levantam-se os saudosos fantasmas da "Via Sinuosa"

de espanto de se ver ali. "Sobre o tanque que se vedava para a rega, noite e dia a fonte antiga levava a chorar — lê-se na *Via Sinuosa* — A água vinha de longe, por uma caleira de pedra e era a sua uma toada tão lêda e inquebrantável que parecia mesmo a pulsação do silêncio. De três bicas, manando de rosáceas num pano de gracioso corte, com o entablamento coroado por pirâmides e um frontão em que vasava uma guarita de sanliinho, apenas uma escorria pelo tempo da seca. Se pelos meses de águas vivas, tôdas três brotavam na tristeza das horas sem luz, à borda do silêncio revessado pelo convento, seu gorgolão era grave como uma salmódia de monges. De bôrdem em curvas, alternando com segmentos de rectas, o tanque era, de em par com o lineamento da escaleira, que poucos passos dali conduziam à capela, duma ordenança mais harmoniosa que as rendas por minha mãe tecidas. Sobre êle erguia-se a figueira de muitos anos sombreando o lugar a que a presença de S. Francisco dera um perfume místico de lenda. *Aqui se erguerá uma casa para pobres da vida pobre, quando Deus fôr servido!* — dissera êle. E daí o ficar a água da nascente de muita virtude nas moléstias da tripa, e o lauto senhor Pero Gil, pelo ano de 1443, com autoridade da Sé Apostólica, lançar os fundamentos daquela casa, que tanto edificou a santa Ordem da Penitência em varões pios e de saber.

"Com o nome de Convento de Caria, ou do *Paaço* nos Bulários, foi a casa, consoante a regra, acomodada a tôdos os estados da vida, para sossêgo das almas que, com a ânsia de salvação e o nôjo do mundo, largavam a monte, espavoridas. Ali se acoitaram fidalgos e vilões, com os bens em comunidade, desfructando patrimónios e laudémios, e privilegiados, por foral, de todo o direito de portagem. Seus religiosos professos cavalgavam, por montes e vales, nédias mulas guisalheiras, em função de curas de almas. Ementas, dízimos e mais benefícios do pé de altar abarrotavam as tulhas. Afinal, sujeitos pela reforma aos estatutos da observância menor, de salto perderam mesa farta e vida larga; Fr. Guilherme da Paixão, abade geral de Alco-baça, encarregado em tempos de Felipe I de abrir uma devassa em tôda a Província, foi topar dezassete frades no mosteiro de Caria, em boa paz e maior pobreza, *padecendo muito do frio, com estarem pelo pé da Serra da Estrela, e de fome, porque sua única manutenção era milho e centeio, e haver escassês de mimos no lugar.*

"Ao cabo de séculos, de fortuna tão

oscilante, o convento do *Paaço*, era donio dos Barradas, minha família. Servia-nos de residência a casinha airosa, que se levantava ao fundo do hortejo, conhecida pelo nome de Casa dos Terceiros. Uma rua de murta conduzia até ela tão dolente e melancólica que sobre a sua areia pálida parecia ainda verem-se lampear sombras de frades. Fôra ali a albergaria de peregrinos, hóspedes e visitantes, nos tempos áureos da Ordem, e o tom encarvoado do granito, as frestas e um balcão de balaústres quadrangulares, ao gosto da Renascença, sensíveis de graça, alevantavam a aragem duma grande nobreza morta.

À esquerda corria o mosteiro, para aquela banda dum só piso, com lunetas e janelas em gradil, a cornija de muita sombra, e o campanário de ventanas êrmas, mais misteriosas que olhos vazados, a mirar, assim louco, os horizontes. Um muro, alto de três varas, desta alvenaria antiga, solta, porém mais sólida que se aliasse poderoso aviamento, acabava de fechar pela direita a cerca franciscana. Assim cispada seria um túmulo se, para lá do caminho que à sua borda corria e era, antes do macadame, o conduzido forçoso entre serra e vale, a terra se não empinasse em eirado e de lá, do meio dos castanheiros e das giestas as fanchoas das aldeias não pudessem vir recrear os fradinhos com motetes e prazos-dados. De dentro, porém, para lá desse cômodo e rente à estrada nova, construída já de muito minha lembrança, a vista esbarrava com a copa verde-negra dum pinhal velho, tão alto que parecia boiar no ceu. Por lá eram sobejos os lóbos, e nós percebíamos os uivos das alcateias nas noites esfomeadas de inverno.

"Fora de muros, os espaços abriam-se num imenso galão, com vales cheios de sombras dormentes e desdobres suaves de colinas. Descendo para o Távora num cachão de verde, a terra crescia depois em escalada cinzenta até o rebordo vilócio das montanhas do Douro. Na curva de muitas léguas, manchas ocre de cabeços, batidos do sol, nimbavam o adormecimento profundo dos bosques, ermidas brancas apareciam extáticas nos monte extáticos, pacificando. Alvejavam os lugares como pombas brancas num telhado de casa antiga em que cresceu a relva das eiras abandonadas. À esquerda, para as bandas de S. Torcato, um *talefe*, dominando de cocuruto claro a muda religiosidade do oiteiro, parecia medir da amplitude a ânsia misteriosa. À direita, ao invés das serranias, coavam-se as ôcas baças dos côncavos de Freixinho, e eram como um mar sem transparência lam-

bendo, a arquipélago, os alcantis de sinopla. S. João da Rua a fraldejar entre soutos; Aldebarros, fidalga, à beira do macadame; Escurquela trepando a escarpa; Fonte-Arcada avançando a tôrre romana por sobre a dobra funda do rio; Antas de Penedono, em chão batido dos ventos, de tôrvo castelo de cinco quas a assombrar o horizonte — pontuavam a panorama que os dias soalheiros enchiam de deslumbrante infinito.

"O convento, ao agravo da ladeira, tivera de encovar-se e, agachado na terra por detrás dos paredões, oferecia da banda da portaria um só pavimento, duma chateza morna de alpendurada. Da outra banda, pela razão mesma do pendor, seu pé era alto como um cipreste velho. A ruína lavrava, dali. Gizado em cruz de Santo Antão, todo o braço direito, que estendera pela quinta, suas celas de muito desafoço, abatera em escombros. A carcoma roía as taipas e numa empena destroncada, de cunhais arreganhando sob musgos e silvas uma dentadura de serra, os sardões gozavam o sol. À ilha resta do mosteiro servia de amparo a parede mestra da igreja, por traça concebida a encastoar-se nêle como joia num relicário. Ao pé jaziam lápidas partidas e pedras de jeitoso labor, à espera do pedreiro que as levantasse para murar horta ou casal.

"Era desta parte de Sueste que a quinta galgava corgas e cerros em boa terra de patil, vinhedo, pomar, com água de todo o ano. Dela, mais do que dos bornais do pediteiro, se abastecera durante séculos o convento de S. Francisco. Ainda que o solo fôsse amarujento, crescia ali mimo só explicável pela graça que não minguava aos fradinhos. Com a extinção das Ordens fôra, afinal, absorvida no casal dos Lemos que, em baixo, sobre a padieira duma capelinha votada à Senhora da Conceição, meio oculta entre ciprestes, e a mirar-se nas águas dum



A fachada setecentista da Igreja

lago, melancólicas das esguias sombras do bosquejo, estadeavam os cinco cadernos de crescentes em santor, de sua alta senhoria..

É pena que estas relíquias do passado assim desapareçam por obra dos homens convertidos em agentes de devastação. Porque não acutelaram as autoridades a pobre ruína, pois que já havia o escarmento dos primeiros assaltos? Haveria incitadores e com que intuito? A população beirã, ainda que pobre e necessitada, é respeitosa do que é sagrado e humilde. Custa a crêr que o vandalismo praticado seja apenas efeito da cupidiez. Se é, muito fundo desceu a miséria daquelas gentes. Se não, que significa tal pilhagem?



O convento visto do lado da antiga quinta dos Lemos



ECOS DA QUINZENA

Festas em Viana do Castelo
e Tôres Vedras

Em Tôres Vedras realizou-se uma festa do Trabalho. Eis as rainhas da Festa. Também na linda cidade minhota realizou-se a festa idêntica a que acorrem muitos milhares de pessoas. As gravuras que publicamos dão uma ideia das figuras do cortejo do Trabalho, vendo-se os cestos de Vila France adornados como andores de procissão. Foi um documentário vivo da vida activa dessa pitoresca região do Alto Minho



Os alunos quintanistas das diversas Faculdades da Universidade do Pôrto, no templo dos Clérigos, por ocasião da tradicional bênção das pastas. Presidiu o sr. conego dr. Manuel Pereira Lopes, vigário geral da diocese, assistindo numerosos catedráticos

NÉVOAS DO PASSADO



A PRINCESA QUE MORREU DE AMOR

tiçais acesos nas mãos — o sol mal se divisava através do sudário de brumas do inverno inglês — seguidas pelos raros cortejos e damas que as absurdas exigências da rainha e as extravagâncias do rei não tinham posto em fuga.

Após um de-

morado exame de consciência e um minucioso interrogatório a respeito dos seus estudos, dirigiam-se todos para a capela. Em seguida, havia as lições e depois um passeio pelos jardins, quando o tempo o permitia, com os pais, à frente, duas a duas em fila, sem se desviarem da linha, como um pequeno corpo de soldados bem disciplinados. De tarde, a rainha, hirta e solene no seu eterno vestido de seda preta e a sua touca de rendas, severa como a madrastra de *Cendrillon*, marcava a cada uma das filhas uma tarefa: bordados, rendas, ou tapeçaria. E aí da estouvada que não terminasse a tarefa a tempo...

Mas as noites eram ainda o peor de tudo.

Durante todo o serão, enquanto o rei lia à rainha um capítulo da Bíblia, ou os dois jogavam as cartas, as seis princesas de pé — Carlota de Mecklemburgo nem aos seus próprios filhos autorizava que se sentassem na sua presença — meias mortas de fadiga, esperavam, ansiosamente, que chegasse a hora em que a etiqueta ordenava a Suas Majestades que se retirassem para os seus aposentos. Porém, sucedia muitas vezes que, antes dessa hora soar, uma das princesas tinha caído desmaiada aos pés da rainha.

O tempora, o mores!

Contudo, uma grande revolta, um anseio de quebrar os elos da cadeia que as acorrentasse àquele lar, um veemente desejo de viver a vida se levantara na alma das filhas de Jorge III. As mais velhas, sobretudo, eram três revoltadas, mas três infelizes revoltadas...

Nem sequer as animava a esperança de que um dia o casamento as viesse libertar daquela triste existência, pois sabiam bem que estavam condenadas a viver e morrer princesas de Inglaterra. O rei amava-as muito, a seu modo, com uma egosta e tirânica afeição e, por nada no Mundo, consentiria que uma das suas filhas deixasse o tecto paterno. Uma vez que se falara em casar a primogénita com o rei de Wurtemberg, Jorge III tivera um ataque de nervos, de tal maneira violento, que os médicos, receando pela sua razão, haviam recomendado à rainha Carlota que, de modo algum, consentisse que tal assunto se voltasse a abordar.

— O nosso destino está traçado — comentavam, amargamente, às ocultas, as três mais velhas — Como só nos contos de fadas é que há príncipes que andam pelo Mundo em busca de princesas encantadas dentro de longínquos castelos, ficaremos solteiras. Melhor seria que a nossa mãe nos fôsse mandando fazer os ámulos, acolá, na capela. Haverá seis túmulos, cada um com a sua inscrição: *Carlota, Augusta, Isabel, Maria, Sofia, Amélia*.

Na orla duma extensa floresta, coberta de álamos, faias e carvalhos seculares, junto às margens dum formoso rio de límpidas e aniladas águas, elevava-se um magnífico castelo senhorial, cuja data de construção remontava — dizia-se

— ao tempo em que o rei Artur se banquetava, com os seus cavaleiros, à volta da Tavola Redonda.

Não era o castelo da princesa adormecida do bosque, dos contos de Perrault, mas sim a morada dum rei muito poderoso, senhor dum império tão vasto que jamais o sol nele se punha.

O castelo chamava-se Windsor e o soberano Jorge, terceiro de nome, rei de Inglaterra, Escócia e Irlanda.

Mas a vida nessa esplêndida mansão onde, desde o tempo do lendário Artur, tantos ruídos festivos tinham ecoado decorria triste, muito triste mesmo. Nunca se davam bailes no castelo real de Windsor. O som das flautas, dos violinos e dos oboés havia sido condenado, como rescendente a pecaminosa volúpia, pelo puritano Jorge III e pela sua dogmática esposa. Nunca se convocava a nobreza para um banquete. Em frente a uma taça de cristal espumante de perfumado vinho de França ou de Itália o régio par velaria a face escandalizada como se fôsem uns anacoretas. Nunca se organizava uma caçada na floresta. A música das trompas, os latidos da matilha, os ruídos dos cavalos, as exclamações dos caçadores, todos os ruídos, enfim, duma alegre cavalgada fariam estremecer de horror a sorumbática rainha e trariam uma verdadeira crise ao neurasténico monarca.

Iam longe os tempos em que, naquelas galerias, esplêndidamente iluminadas por milhares de velas, elevando-se de gigantescos tocheiros de ferro forjado em forma de quimeras, o rei Eduardo III dançara com a formosa condessa de Salisbury e, em honra dessa mulher fatal, vestida de lhama de prata, setim e arminho e toucada dum pontagudo *hennin* constelado de pedrarias, instituíra a Ordem da Jarreteira; em que, naqueles salões, após a representação duma comédia de Shakespeare — *As alegres comadres de Windsor*, por exemplo — a grande Isabel Tudor, deslumbrante no seu magnífico trajo de brocado, literalmente coberto de pérolas e diamantes, se banqueteara na companhia das nobres damas e altos e poderosos barões da sua côrte; em que, montada numa hacaneia branca como a neve, ajazada de ouro e púrpura, Ana Bolena — a irresistível sereia que ninguém podia ver sem amar — galopara por aquela floresta, seguida de perto pelo enamorado rei e por um numeroso e brilhante séquito.

Esses tempos haviam passado definitivamente. Tudo mudara. Sob a realeza de Jorge III e de Carlota de Mecklemburgo-Stréllitz vivia-se no castelo de Windsor com a maior parcimónia, observando as regras do mais austero puritanismo e a mais régida etiqueta germânica.

Era uma réplica inglesa e protestante

dessa famosa côrte dos Felipes de Espanha onde as infantas — as pálidas e melancólicas infantas dos quadros de Velasquez — cresciam como flores atrofiadas dum pátio sem sol, sob o olhar severo das *camareras mayores* para tão cedo irem encher o *podridero* do Escorial.

Jorge III tinha, além dos varões, seis filhas — seis rosas desabrochadas como por milagre no monótono jardim que



A princesa Amélia de Inglaterra, por Lawrence

era o régio lar britânico — seis flores estioladas pelo tédio daquela penosa existência.

Realmente podia considerar-se bem triste a vida das princesas reais de Inglaterra privadas, devido às ridículas manias do rei seu pai e à inexcedível severidade da rainha sua mãe, do menor luxo, do menor conforto, da menor distracção. Todos os dias invariavelmente, quer de inverno, quer de verão, às seis horas da manhã abandonavam os quartos — pequeninas câmaras brancas, nuas e pobres como celas de monjas carmelitas — para se dirigirem aos aposentos dos pais.

Lá fora, por vezes, o vento assobiava, sibilava, ululava, num crescendo infernal. Os ramos das árvores, que o inverno despojara da sua vistosa folhagem, contorsiam-se lastimosamente até tombarem despedaçados. A neve caía, cobrindo a terra dum lençol de imaculada e sinistra alvura.

Trémulas de frio, as pobres princesas atravessavam os corredores, donde o rei (sempre inveterado inimigo do conforto) mandara arrancar as alcatifas e tirar os fogões de aquecimento, com os seus cas-



O rei Jorge III de Inglaterra, por Gainsborough

Mas a princesa Amélia, a mais nova das filhas do rei de Inglaterra, que a amava acima de todas com um afecto que tocava as raízes da adoração, era então apenas uma criança, uma encantadora e bulhosa criança que passava as horas de recreio em loucas correrias pelas salas desertas do soturno palácio, ou pelas aleas floridas do parque, sacudindo ao vento os seus caracóis loiros, inconsciente e feliz, ainda sem pensar no "De-sejado"...

No entanto, os anos foram passando sobre o castelo real e a deliciosa princesinha, de rosto de arcanjo e cabeleira de ouro fiado que Lawrence retratara, acariciando, num gesto adorável, uma rosa menos viçosa e menos linda do que ela, desabrochou na flor dos seus dezoito anos.

E raras vezes uma flor desabrochou com tamanha beleza e encanto.

A filha de Jorge III não possuía uma dessas e provocadoras formosuras que arrebatavam a imaginação e perturbavam os sentidos, mas uma dessas ternas, suaves e espirituais belezas que prendem a alma e avassalam o coração. Em todo o seu físico se reflectia essa bondade, pureza e inocência que faziam dela, na verdade, um querubim entre as mulheres.

Era linda como uma fada, a princesa de Inglaterra, delicada como um armi-

nho, angélica como uma dessas virgens, dotadas duma beleza quasi imaterial, que passam nos versos de Ossian. Com o seu corpo alto, flexível e gracioso de sílfide, os seus formosos cabelos loiros que lhe nimbavam a alabastrina fronte duma aureola de ouro, os seus olhos, dum limpo azul celeste, repletos duma suave melancolia e duma inefável doçura, a sua boca rescedente de mocidade, onde continuamente errava um sorriso triste e afectuoso, as suas pequeninas mãos de niveos e afuzelados dedos, a princesa assemelhava-se a uma virgem descida duma iluminura antiga.

— É um anjo! — diziam os pobres que ela, às ocultas de todos, socorria com o dinheiro da sua pequena dotação, fazendo autênticos sacrifícios.

Amélia recebia as confidências das irmãs. Escutava, em silêncio, os seus eternos queixumes a respeito da miserável existência que ali arrastavam enquanto os irmãos, porque tinham nascido homens, e por conseguinte, livres, levavam em Londres, no meio do maior fausto, uma existência de incessante prazer.

Mas a doce princesinha, de rosto de arcanjo e cabeleira de ouro fiado, não acalentava ambiciosos anelos como as irmãs. Sentia-se resignada em face da adoração que seu velho pai lhe testemunhava e longe de, dia e noite, devanear com tronos e mantos reais de veludo e armiño, sonhava com o bem amado que, um dia, fatalmente, havia de surgir no seu caminho.

Naquele delicado corpo de fada habitava a alma duma Virginia, duma Graziela, duma Lúcia de Lammermoor. Era ao amor, ao puro e verdadeiro amor que ela aspirava e não a uma coroa real.

Muitas vezes, encerrava-se nos seus aposentos, abria a Bíblia e, depois de ter passado a vista sobre um salmo, procurava o capítulo do *Cântico dos Cânticos* e lia avidamente essas páginas onde se celebrava o amor.

Aplique êle os lábios, dando-me o ósculo da sua boca...

O meu amado é para mim como um ramallete de mirra, êle morará entre os meus peitos...

Eis aí o meu amado, que me diz: Levanta-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa minha, e vem.

Porque já passou o inverno, já se fôram e cessaram de todo as chuvas.

Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da póda: ouviu-se na nossa terra a voz da rôla.

A figueira começou a dar os seus primeiros figos: as vinhas, estando em flor, lançaram o seu cheiro. Levanta-te, amiga minha formosa minha, e vem:

O castelo de Windsor, segundo um desenho de Farington

Pomba minha, tu nas aberturas da pedra, na caverna do muro ensosso, mostra-me a tua face, sôe a tua voz dentro dos meus ouvidos: porque a tua voz é doce e a tua face é graciosa...

Era a alma dos seus avoengos que acordava na princesa de Inglaterra. Era todo o passado de volúpia e ternura da sua raça que, sem que ela própria o compreendesse, a impelia para o grande e eterno sentimento. Era a sina amorosa da família que ansiava por nela se cumprir.

Por amor, por amor dessa bela francesa de tranças côr do sol e olhos côr da noite que se chamou Leonor de Olbreuse tinha seu quartavô, o duque Guilherme de Zell, renunciado os seus domínios a favor de um irmão. Por amor, por amor a êsse formoso *condottiere* sueco que em vida usou o nome de Felipe de Koenigsmark tinha sua trisavó, Sofia Doroteia, esquecido os seus deveres de princesa e de esposa e expiado com trinta anos de cativo a sua fragilidade sentimental. Por amor, por amor a essa feiticeira gentil de cabelos cendrados que era Lady Suffolk tinha seu bisavô Jorge II amargurado a existência da rainha Carolina. Por amor, por amor a êsse fascinante conde Struensée tinha uma irmã de seu pai, a princesa Carolina Matilde, atraído os juramentos que fizera ao rei, seu marido.

E um dia, as almas de todos esses amorosos e amorosas dos tempos idos acordaram em Amélia e êla amou, deu o seu coração, deu a sua alma e deu-a para sempre ao general Carlos Fitz Roy, ajudante de campo de Jorge III.

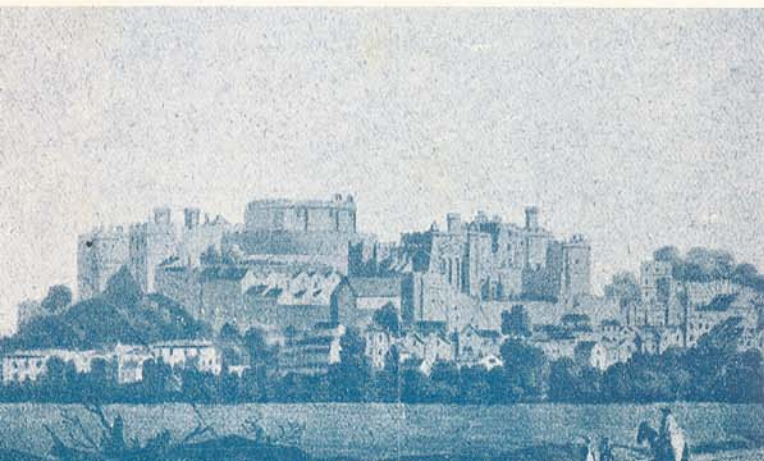
O príncipe encantador chegara. Viera acordar a princesa adormecida do bosque.

E príncipe era bem êle pelo nascimento, pelo valor e pela beleza. Como Amélia, Fitz Roy vinha de reis, pois descendia, em linha recta, de Carlos II de Inglaterra. Nos campos de batalha as côres da Gran-Bretanha haviam contado nele um dos seus mais renhidos defensores. Fisicamente, seria difícil encontrar um ente mais belo, mais requintado e mais sedutor. Era um formoso aristocrata nórdico, de corpo musculoso de atleta e cabeça de traços puros como os de Antinôus dos bustos gregos. *Dandy* como Brummell, o general incarnava êsse tipo de *gentleman*, um pouco frio, orgulhoso e distante, mas duma distinção incomparável, que predominou em Inglaterra nos princípios do século XIX. Porém, sôb aquela máscara glacial existia um homem e sôb aquela farda bordada a ouro, onde cintilavam condecorações gloriosas, batia um coração puro de afectos que ia dar-se todo, inteiramente, à fadasinha gentil de cabelos de ouro fiado.

Aquele grande amor nasceu dum olhar, dum sorriso, trocado uma noite em que o general viera, como de costume, jogar uma partida de xadrez como o velho rei.

Em breve as circunstâncias vieram reuni-los, lançá-lo, por assim dizer, no mais encantador e no mais perigoso também dos *tête-a-têtes*.

Amélia adoceceu e, por ordem dos médicos, foi mandada convalescer para a



beira mar. A rainha deu-lhe por séquito uma das suas aias, alguns servos e o rei, sabendo que tinham recomendado à filha grandes passeios a cavalo, exigiu que o general Fitz Roy fizesse parte da comitiva.

Feliz, mas imprudente escôlha! O general era demasiado belo para cavaleiro de princesas e, se na sua alma existia a inquebrantável bravura dum paladino, no seu coração havia a imarcessível ternura dum apaixonado. . .

Partiram os três, Amélia, a dama de honor e o ajudante de campo do rei. Uma vez na praia, Miss Gomme, que detestava papeis de *chaperon*, entregou a princesa aos cuidados do general, deixando-os sózinhos, em completa liberdade.

E, durante longos meses, êsses dois entes que, em segredo, se amavam até à loucura, viveram um junto do outro, exclusivamente um para o outro. . .

A confissão recíproca que faria *dele e dela* apenas *Êles* tardou, como era natural. A todo o momento Carlos Fitz Roy sofrea as palavras vibrantes de paixão, que lhe subiam aos lábios contentando-se em vê-la, em ouvi-la, numa palavra, em adorá-la em silêncio. . .

Mas, um dia — passeavam os dois sózinhos a cavalo — Fitz Roy confessou-lhe que amava uma mulher de quem tudo o separava.

Um clarão de alegria infinita, de imensa ventura, irradiou nos olhos da princesa, ao ouvir essa singela confissão. . .

Miss Gomme deixava-os sempre sós. Êles também não a procuravam, pois, sentiam, embora não o dissessem, que qualquer presença destruiria o encanto da sua intimidade.

A manhã via-os passeando pela beira do mar. A tarde achava-os galopando, lado a lado, na floresta. A noite encontrava-os sentados num banco, conversando dôcemente como o fariam dois noivos.

E uma noite, uma bela noite de verão em que a lua envolvia os jardins na sua esplêndida claridade, a hora suprema — a hora suprema das confissões de amor — souou para ambos. . .

Ver a princesa Amélia no parque, ao luar, verdadeiramente ideal no seu vestido leve de musselina branca, era ver Titânia, a bela rainha das fadas, tal como a descreve Shakespeare no "Sonho duma noite de verão".

Fitz Roy estreitou ternamente as mãos da princesa real e, durante alguns momentos, permaneceram calados, escutando os soluços das fontes e as pancadas dos seus próprios corações. . .

E, naquele instante de suprema ventura, naquele instante em que, no silêncio da noite perfumada, as suas almas pareciam unir-se num himeneu ideal, cada um evocou, talvez, a velha história de família que tantas vezes, enleados e de olhos baixos, haviam recordado.

Quási um século antes, uma outra princesa Amélia, filha do rei de Inglaterra, amara um outro Fitz Roy e êles não faziam mais do que reviver o idílio que os tios-avós tinham vivido. Dir-se-ia que

eram ainda êles, que se amavam através das suas almas. . .

— *I love you* — balbuciou *Êle*.

— *I love you* — repetiu *Ela*, como num sonho.

Passou o verão. Veio o outono. Desabrocharam flores e caíram folhas e Eles estavam sempre na praia, loucos de amor, de felicidade, esquecidos de tudo, convencidos de que tinham encontrado o Paraíso na Terra.

Entretanto, o inverno chegou, com o seu frio, as suas brumas e as suas neves, e com êle, a dura necessidade de voltar ao castelo de Windsor. Amélia e Carlos deixaram a praia, levando como dois noivos recordações bastantes para perfumarem a vida inteira. Partiram tristes por abandonarem aquele Eden que abrigara o seu idílio, mas — cegos como todos os verdadeiros namorados! — partiram ao mesmo tempo alegres, confiantes no futuro, cheios de ilusões, de sonhos de ventura. . .

Iam — pobres corações apaixonados! — conhecer a grande verdade que encerram os versos célebres de William Shakespeare.

*By me! for aught that I could ever read,
Could ever hear by tale or history,
The course of true love never did smooth.*

Chegaram ao castelo de Windsor. Carlota de Mecklemburgo, recebeu-a cerimoniosamente, com a mais gélida indiferença, isto é, como rainha e não como mãe. Jorge III, ao contrário, acolheu com vivas demonstrações de alegria o regresso da filha preferida entre tôdas, declarando-se encantando ao ver o bem que a estada à beiramar lhe fizera.

A doente que, meses antes, tão abatida deixara Windsor voltara esfusante de alegria, vida e mocidade. Uma verdadeira Hebe, uma verdadeira Aurora.

O seu corpo, que dantes se curvava como um bonito salgueiro, erguia-se direito como um choupo; o andar, de arastado que era, tornara-se leve como um vôo; nas suas faces, ultimamente tão pálidas, desabrochavam rosas; os olhos, de ordinário tristes e velados, cintilavam como duas maravilhosas águas marinhas do mais valioso quilate; a bôca perdera a expressão de cansaço que a emurcheira e um sorriso feliz, espraíava-se-lhe continuamente nos lábios.

E não viu — pobre monarca meio tonto! — que era o Amor, que era a inebriante ventura de saber adorada, que fazia reviver aquela mimosa flor!

Nada viu, nada compreendeu e, percebendo que a companhia de Fitz Roy distraía a filha, desligou-o, por assim dizer, do seu serviço, para o colocar às ordens da princesa.

Porém, um dia, ao acaso, os olhos da rainha Carlota, caíram sobre Amélia. A atitude desta para com o general pareceu-lhe demasiado livre e afectuosa, absolutamente imprópria duma princesa de sangue real, para com um subdito e de-



Rainha Carlota, por Gainsborough

cidou, receando que essa simpatia degenerasse numa afeição, repreender a filha.

Nessa mesma noite, a rainha escreveu à princesa uma longa carta, dogmática e pretenciosa, entremeada de frases, bíblicas ordenando-lhe que, embora continuasse a acolher Fitz Roy, afectuosamente, não visse nêle mais do que um subdito.

Amélia recebeu esta estranha missiva, mas não ousou afirmar que tivesse lido até ao fim. E o idílio continuou.

As árvores do castelo de Windsor se pudessem falar dir-nos-iam que há muito, há mais dum século já, no tempo em que ainda havia homens e mulheres que tinham como único anseio amar e serem amados, esquecer tôdas as amarguras da vida na contemplação duns olhos queridos, uma donzela linda e graciosa como uma sílfide e um jovem belo como S. Jorge costumavam encontrar-se, às ocultas, sob a abobada glauca dos seus ramos.

Ele, chegava primeiro, como todo o verdadeiro apaixonado e esperava nervosamente, impacientemente, que ela aparecesse ao longe.

Ela, chegava mais tarde, apressada, ofegante, correndo quási, os pés pequeninos calçados de veludo azul, mal tocando o solo, deixando o vento enfoliar o seu vestido de cassa branca e sacudir os seus caracóis de oiro. Trêmula de emoção e de alegria, com as faces ruborisadas e os olhos faiscantes, *Ela*, num gesto, ao mesmo tempo, infantil e amoroso, corria a lançar-se nos braços *Dele*.

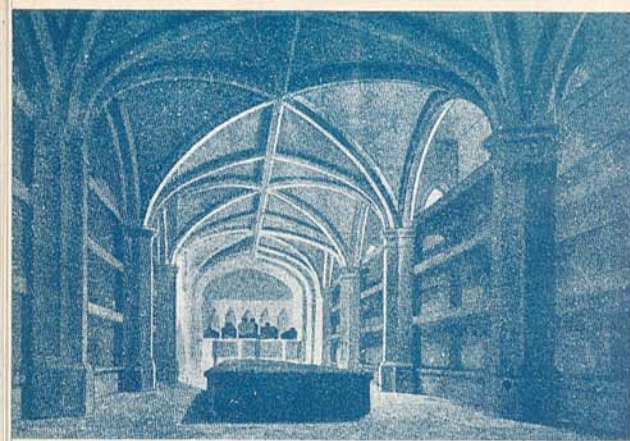
— *Charles, my love!* — murmurava *Ela*.

— *Amélia, my darling!* — balbuciava *Ele*.

Era Carlos Fitz Roy, o ajudante do rei. Era Amélia, a filha do rei.

Calavam-se os dois. A labareda imensa que lhes ardia nos peitos, fazia morrer as palavras nos seus lábios. *Ele* beijava-a com o olhar, enquanto não a beijava com a bôca. *Ela* erguia para *Ele*, as suas pupilas maravilhosamente azuis, côr do céu num dia de primavera repletas duma doçura infinita, e Fitz Roy sentia-se como que envolvido em tôda a doçura do céu. . .

O general atraía-a docemente de en-



A cripta real na capela de S. Jorge em Windsor, onde a princesa Amélia dorme o derradeiro sono

contro ao peito, respirando o perfume subtil que os seus cabelos emanavam, êsses cabelos dum loiro tão quente tão luminoso que lhe tinham enleado a alma. E, durante alguns minutos permaneciam mudos, em êxtase, lendo nos olhos um outro o mundo infinito de ternura que lhes trasbordava no coração...

Um estremecimento violento percorria o corpo de ambos. O abraço tornava-se mais estreito e aquelas duas bocas procuravam-se, encontravam-se e uniam-se numa profusão de beijos...

Beijos longos, intermináveis ardentíssimos, beijos que realizam a fusão de duas almas, beijos que são no Mundo como que o reflexo da felicidade do céu...

Uma hora, duas horas, depois *Eles* separavam-se, levando cada um — como mais tarde disse Cherubin — nos lábios uma eternidade de ventura.

De que viviam aqueles dois entes? De amor, da esperança de que dia pudessem confessar ao rei o seu affecto e que êle, que nada recusava à filha querida, consentisse na sua união. Porém, tôdas as vezes que a princesa lhe falava da eventualidade de um dia se casar, o semblante do rei transtornava-se dum modo tão pavoroso que lhe faltava a ela ânimo para continuar.

Outra qualquer não teria hesitado, mas Amélia era um ser de eleição e considerava um verdadeiro crime descarregar êsse golpe brutal que iria talvez, obscurecer para sempre o espírito, já tão alterado, do rei. Não tinha o direito de sacrificar egoistamente a razão do pai à sua felicidade. Os seus deveres filiaes impunham-lhe o sacrificio, pelo menos momentâneo, da sua ventura pessoal.

— "O essencial é estarmos unidos pelo coração. Que importa a cerimónia?" — dizia ela sempre a Fitz Roy.

O idílio prosseguiu. Alta noite, como o sono não derramava o ópio das suas papoilas sobre o seu leito, Amélia erguia-se, pegava na pena, e ia deixar algumas parcelas da sua alma em cartas longas e exaltadas de amorosa dirigidas ao general. No fim, assinava com as iniciais do nome que desejava que fôsse legalmente seu: Amélia Fitz Roy.

De dia, a princesa não consentia que o general a abandonasse um único instante. Era *Ele* o seu eterno companheiro nos longos passeios a pé ou a cavallo. Era *Ele* o seu parceiro preferido no jôgo. Era *Ele* o seu eterno par nas contradanças e nas valsas que Jorge III para não

desgostar a filha predilecta, admira no palácio.

O rei nada via e a rainha que, muito soberana e pouco mãe prestava mais atenção à política do que às filhas, parecia nada ver. Só as princesas reais, irmãs de Amélia, viam todos aqueles olhares, aqueles rubores, aqueles sinais, aqueles sorrisos... mas nenhuma se levantou para amparar a pobre criança inocente prestes a cair no abismo florido dos amores ilícitos, porque nenhuma — consequência fatal da absurda tirania do rei em vedar-lhe o casamento — julgou o seu coração bastante puro e o seu passado bastante límpido, para, em nome da moral, falar a Amélia.

Depois, o tempo foi passando. A exaltação amorosa de Carlos e Amélia aumentava dia a dia. Resistiram, resistiram muitas vezes à tentação, mas chegou o momento em que, narcotizados pelos beijos, loucos de amor, sentindo o sangue correr-lhe nas veias em torrentes de fogo, êles esqueceram tudo... E durante meses foram felizes, conheceram essa felicidade completa, absoluta que não dura, nem pode durar, porque quer a fatalidade que aqueles que amam muito, sofrem muito também...

Um dia, uma carta anónima preveniu a rainha do romance que existia entre a princesa Amélia e o general Fitz Roy.

A cólera da soberana foi terrível. Contudo, convém distinguir que não foi a mãe que nela se levantou, fremente de indignação, ao saber da fragilidade da filha, mas a rainha, furiosa contra a princesa que — amorosa imprudente — não soubera ocultar de todas as suas fraquezas, dando assim pasto às conversas dos intrigantes.

A rainha Carlota não procurou a filha para a interrogar. Uma explicação directa seria, a seu ver, indigno duma rainha. Escreveu-lhe uma longa, uma longa e terrível carta em que lhe ordenava que rompesse para sempre com Fitz Roy.

O primeiro sentimento de Amélia, ao acabar de ler a carta materna, foi de revolta e, sentindo, talvez, correr-lhe nas veias o sangue da avó, a bela Sofia de Zell, decidiu, como ela, pedir ao seu amado que a raptasse.

Era uma resolução louca a que o general, um *gentleman* na mais nobre acepção da palavra, jãmais se deixaria arrastar. Também Amélia não chegou a comunicar-lhe êsse intento. No momento em que estava absolutamente decidido a ir esconder sob outro firmamento a sua vida e o seu amor, a imagem do pai passou-lhe diante dos olhos.

Uma luta cruciante se travou na alma da princesa. Foi breve, mas foi terrível. A filha, em Amélia, venceu a amorosa, porém há vitórias que custam a vida, e essa era uma delas. A princesa ia morrer vítima da sua renúncia sublime.

Afastaram Fitz Roy da côrte.

— "Não posso suportar esta existência de tortura," — disse Amélia à sua amiga íntima Tereza Villiers.

A rainha ignorava, ou antes queria ignorar que as flores privadas de sol se estiolam, e que não era só nas baladas e nos romances de cavalaria que se morria de amor. Cega pela intransigência protocolar, ela não viu, não reparou que, volvidos meses, após a partida de Fitz Roy, as rosas haviam murchado nas faces de Amélia e que as suas mãos escaldavam de febre...

A Hebe e a Aurora desapareceram. Só restava uma sombra semelhante a Ofélia, a pálida noiva do Hamlet.

A febre não voltou a abandoná-la. Depois veio a tosse, uma tosse horrível que cortava o coração ouvir. A princesa não se iludia àcerca do seu estado, mas longe de procurar resistir, abandonava-se à doença.

Longe do seu amado Carlos, a vida tornara-se-lhe um suplício. A sua alma estava assassinada. Queria morrer para deixar de morrer aos poucos.

Foi uma longa e dolorosa agonia que durou mais dum ano e, nem um único momento, ao passar diante do leito onde, jazia a filha que ela própria imolara aos seus preconceitos, a rainha se comoveu. Ao contrário fugia dêsses aposentos desinteressando-se pelo estado da doente. Parecia até que desejava ver a morte suprimir aquela prova viva da sua crueldade.

Entretanto, o general reclamado pelo rei (que, ignorante das verdadeiras causas da doença, se consumia de dor à cabeceira da filha,) voltara à côrte.

Carlota de Meckleburgo podia ter dado a Amélia a derradeira consolação de, antes de morrer, permitir o seu casamento com Fitz Roy (outras princesas, filhas de reis de Inglaterra, haviam contraído alianças muito menos brilhantes) mas não quis. Até ao fim decidiu permanecer implacável.

Amélia conseguiu que as irmãs, a ocultas da rainha, lhe deixassem ver o seu bem-amado.

Foi a sua derradeira entrevista na Terra.

A 2 de Novembro de 1810 — nesse dia de tristeza em que a saudade vai em romagem cobrir as sepulturas com flores, a sepultura abria-se para a princesa Amélia.

O seu último pensamento e as suas últimas palavras foram para o esposo da sua alma.

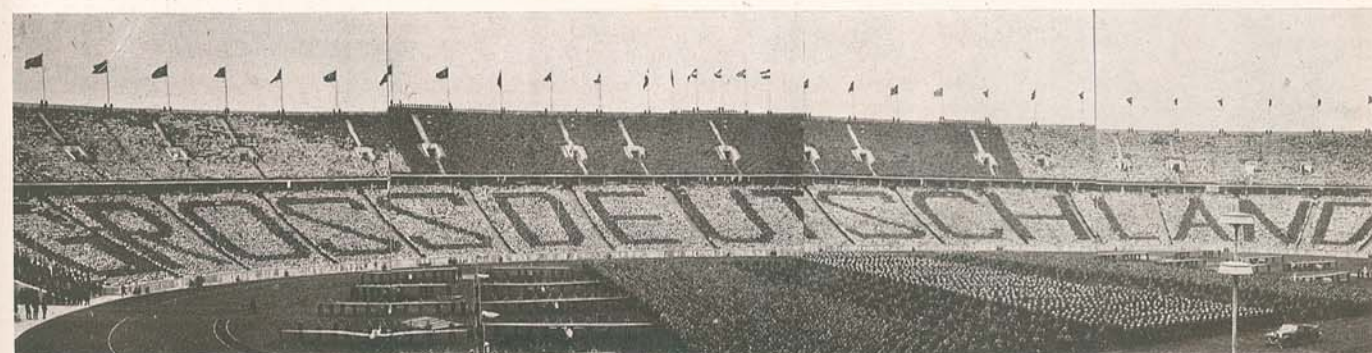
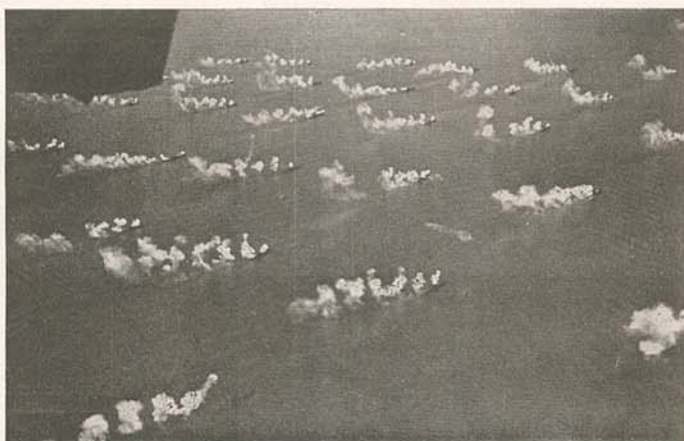
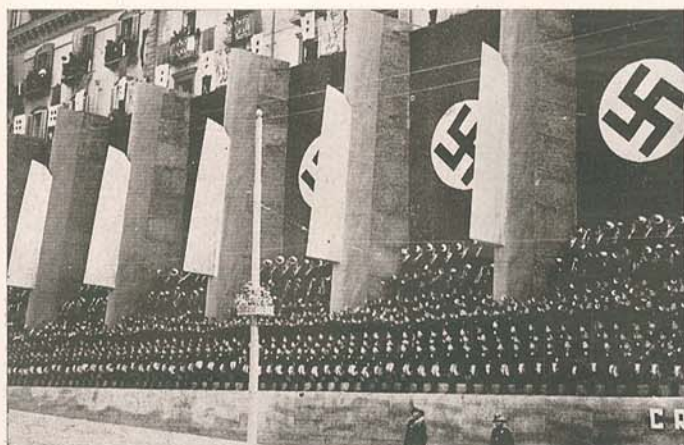
— "Digam ao meu adorado Carlos — repetiu, mais uma vez às irmãs que, ao contrário da rainha, não a tinham abandonado — que morro abençoando-o. Devolvo-lhe os únicos instantes de felicidade que conheci na vida. Ele foi para mim um amigo, um irmão, um pai e um marido! Peço-lhes que lhe dêem todos os objectos que me pertenceram!"

O sacrificio de Amélia, resultou inútil porque, ao ver a filha querida morta, o rei perdeu completamente a razão.

Ainda hoje existe, na cripta da capela do castelo de Windsor, o túmulo da princesa que morreu de amor, *of a broken heart*, como dizem os ingleses.

A L É M FRONTEIRAS

O rei de Itália, o príncipe herdeiro, Hitler e Mussolini, a bordo do couraçado «Cavour» por ocasião da visita do Führer a Roma—A recepção em Nápoles—Manobras navais, vendo-se 86 submarinos salvando—Hitler prestando homenagem ao Soldado Desconhecido italiano—Hitler, acompanhado por Mussolini, visita o palácio Littorio.—Em baixo: A grandiosa manifestação da Juventude Alemã no Estádio de Berlim, no dia 1.º de Maio. 150 mil rapazes e raparigas [formam as palavras *Gross Deutschland* (Grande Alemanha)]





Aquilino Ribeiro

Mais um livro de Aquilino Ribeiro!

Éis um estribilho que ouvimos a cada passo, e sempre com interesse e desanamento. É que um livro de Aquilino é sempre alguma coisa de bom e precioso que passamos a possuir.

As personagens que se movimentam nessas páginas deliciosas passam a dar-se a conhecer, a ser do nosso trato, da nossa amizade, e de vez em quando, quando as saudades nos apertam, lá vamos nós relê-las, isto é, visitá-las, nos livros em que o seu autor as colocou.

Desta vez, Aquilino foi procurar o velho Xenofonte e trouxe-o até nós, não só dos confins da Ática, mas através das inermes destruidoras de vinte e tantos séculos.

Agora, sim, é que passaremos a conhecer Xenofonte que, tendo sido um historiador, um filósofo e um polígrafo de gênio, no melhor grego que ainda se escreveu, nunca teve a sorte de ser traduzido, como lhe competia, em bom português.

Chegou esse momento.

O novo livro de Aquilino Ribeiro é a tradução de A retirada dos dez mil, de Xenofonte, devidamente prefaciada com um belo discurso de apresentação.

Dizem os seus biógrafos que Xenofonte foi «um espírito curioso e inventivo, boa testemunha



Soldado grego

das coisas do seu tempo, um escritor encantador, muito claro, simples, elegante e espirituoso».

Quem melhor, pois, do que o nosso Aquilino nos poderia trazer à fala este gênio que viveu e floriu quatrocentos anos antes de Cristo? Tem a palavra Xenofonte.

Na manhã seguinte, trabalhados pelo receio de que Tiribaz concentrasse as tropas e ocupasse o desfiladeiro antes de eles passarem, puseram-se em marcha, resolutamente, com a terra coberta de neve. Tinham bons guias a ensinar-lhes o caminho de modo que nesse mesmo dia acamparam para lá das serras em que seria perigoso que Tiribaz os esperasse. A seguir, sempre à beira do Eufrates, percorreram quinze parasangas em três jornadas. Passaram o rio, cuja nascente diziam perto, com água até ao umbigo. E dali andaram quinze parasangas em três dias, através da planície adormecida sob a grande camada de neve. O terceiro dia fôra particularmente duro para os soldados. O vento fustigava-os de frente, trespassando-lhes as carnes até os ossos. Um arúspice sugeriu que se fizesse sacrifício ao Vento. Imolaram-se vítimas e todos puderam notar que a notada abrandara de violência. A camada de



Os sacrifícios

neve tinha uma órgia de altura. Morreram muitos animais, muitos escravos e uns trinta soldados.

A noite passaram-na à volta de grandes fogueiras. Havia fartura de lenha e queimavam sem dó. Os últimos a chegar é que já pouca encontravam. Para que os deixassem aquecer davam pão e outros comestíveis que traziam. No sítio onde acendiam as fogueiras ficavam grandes covas escuras, rebordadas de neve. Por elas mediam a espessura do nevão, que era prodigiosa.

Marcharam todo o dia seguinte pela neve fora; muitos Gregos foram atacados de bolímia; Xenofonte ao princípio não percebeu que mal era aquele; mal soube do que se tratava, correu ao trém e mandou repartir pelos infelizes, prostrados sem forças, o que havia de comer. Desde que tomavam alguns alimentos, os soldados erguiam-se e punham-se a marchar.

Chegou Quirísofo a uma aldeia ao cair da noite e encontrou na fonte, junto das portas, muitas mulheres e raparigas que estavam à espera de vez para encher os cântaros. Preguntaram aos Gregos quem eram. Responderam êles pela bôca do

DELICIAS DO ESPIRITO

«A retirada dos Dez Mil», de Xenofonte

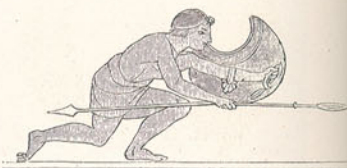
Mais um belo e sugestivo livro de Aquilino Ribeiro

intérprete que tropas que o grande-rei mandava ao sátrapa. E elas disseram que o sátrapa não se encontrava ali, mas obra duma parasanga mais longe. E como já fôsse tarde conduziram-nos à presença do regedor, que era a autoridade principal da terra. Este forneceu-lhe alojamento e a todos quantos vinham com êle. Mas os retardatários passaram a noite sem lume e sem comer e alguns não puderam resistir. Na pelegada dos Gregos ia um bando de ratoneiros que não só davam caça aos que se deixavam ficar para trás como faziam mão baixa sobre tudo o que lhes vinha a talho, especialmente as azémolas cansadas. Pela posse delas batiam-se, em seguida, uns com os outros, a calhau e faca. Também ficavam para trás aqueles que a oftalmia, provocada pela neve, enceguecera, e ainda muitos a quem o frio gangrenara os dedos dos pés. Para evitar a ofuscação que causava a neve, punham diante dos olhos uma espécie de pala ou sarrafo preto, sobretudo quando iam de marcha; para que os pés se não enregelassem, não paravam um instante, andando de cá para lá, a correr ou em rodopio, e descalçavam-se antes de se deitar. Se adormeciam calçados as correias entravam na carne e as sandálias gelavam à roda do pé. E acontecia assim porque eram de couro de vaca, recentemente esfolada, tendo gasto há muito as de cabe dal curtido.

Era martirizados por tais trabalhos que alguns soldados se deixavam ficar para trás. Mal viam um pedaço de terra negra, naqueles lugares em que a neve se fundira sob a acção da água de fonte, aninhavam-se, recusando-se a ir mais longe. Xenofonte, que comandava como sempre a retaguarda, fazia tudo para convencê-los a prosseguir, entre razões representando-lhes o fantasma do inimigo que marchava no rasto dêles sangüinário e fero.

— Podem-nos matar; não damos mais um passo! — diziam.

Xenofonte, então, considerou que a maneira de livrar os pobres soldados exaustos das mãos do inimigo era cair sobre o inimigo e fazê-lo em postas.



Peltasta grego

E pôs-se de emboscada. Fazia já escuro e os Bárbaros avançavam às cegas, fazendo grande assuada e desplicando-se uns com os outros por causa das presas. Os Gregos, então, atacaram-nos pela frente e pelas costas; para dar a impressão de grandes forças e semear o pânico, os próprios doentes soltavam gritos e batiam com as lanças nos escudos de bronze. Tomados de terror, os Bárbaros largaram em tôdas as direcções, numa fuga louca, e, nas sombras da noite, o seu tropel foi esmorecendo, esmorecendo até se perder ao longe no silêncio da terra, calafetada de neve.

Depois de prometer aos doentes e estafados que no dia seguinte viriam buscá-los, Xenofonte e os seus puseram-se de novo em marcha. Não tinham percorrido quatro estádios quando encontrou mais soldados estendidos na neve, enrocados no capote, sem uma vedeta sequer a protegê-los. Mandou-os erguer; obedeeceram; mas um dêles observou que tôda a coluna se encontrava deitada no chão, nas mesmas condições. Xenofonte mandou os peltastas mais robustos explorar o terreno em volta a ver se era verdade. Era verdade, voltaram êles a dizer. Xenofonte, em vista disso, postou sentinelas aos quatro ângulos e bivacou ao pé dos seus, intanguido de frio e sem comer. Mal raiou a manhã, deu ordem para que os soldados mais novos e fortes levantassem os doentes e os ajudassem de qualquer modo a seguir para diante.

Foi neste entretanto que chegou a força encarregada por Quirísofo de averiguar o que se passava. Saíram-na como se lhes trouxesse a salvação. Tomou conta dos doentes e foi com mais ânimo que os outros percorreram os vinte estádios até chegar ao povo em que se aboletara Quirísofo.

Pareceu aos capitães que não havia perigo em alojar-se o exército pelas aldeias. O problema era a distribuição. Deitaram-



Soldado grego

-se sortes, e cada qual marchou à testa da sua companhia para a localidade que lhe coube. Antes, Polícrates, de Atenas, um dos graduados, veio oferecer-se para ir à frente, persuadido que o não fazia debalde. Aceitaram e, à testa dum punhado de soldados ágeis como êle, correu à aldeia que competira a Xenofonte, e foi surpreender os habitantes em seus trementos, com o administrador, a filha, casada de nove dias, sem contar dezasete potros que estavam a criar e representavam o tributo pago anualmente a el-rei. Ao genro do administrador valeu ter ido à caça das lebres senão teria sido apanhado na ratoeira como os mais.

As casas eram debaixo da terra; entrar para elas era o mesmo que para um poço, embora o interior fôsse espaçoso. Os animais entravam por corredores em declive, rasgados no solo; os homens desciam por escadas. Nesta espécie de antros havia cabras, ovelhas, bois, galináceos e criação miúda. O gado era sustentado a feno.



Soldado grego

Também se encontrava ali em profusão trigo, cevada, legumes, e cerveja, em taças. Os grãos de cevada não davam à superfície e dentro delas mergulhavam canas furadas, umas mais grossas, outras mais delgadas. Para beber, levavam a cana à bôca e chupa-

vam. Tal bebida era muito forte e agradável depois de se estar acostumado.

Xenofonte pôs o administrador a car ao pé de si, ao mesmo tempo que se dava a tranquilizá-lo, prometendo-lhe que, se guiasse o exército até outro povo sem haver novidade, não só o não privaria dos filhos como lhe encheria a casa de coisas boas para o recompensar do que agora lhe comiam. O armênio prometeu servi-los com lisura e, por sinal, revelou o sítio onde estava o vinho escondido. Os soldados, aboletados naquele povo, passaram a noite comendolhe bem e bebendo-lhe melhor, sem deixar de ter de olho o administrador e os filhos.

Na manhã seguinte Xenofonte chamou o administrador e foi-se apresentar com êle a Quirísofo. De caminho, se acontecia passar perto duma aldeia, torcia um pouco para visitar os homens nela aquaretados e a todos ia encontrar em folgança e comezaina. Aqui, além, não o deixavam partir, sem primeiro se haver sentado à mesa com êles. E nada ali faltava: cabrito, porco, vitela, frangãos e pãesinhos de trigo e de cevada. Tinha também que beber com uns e outros. Levavam-no às talhas, metiam-lhe a cana na bôca e toca a servir cerveja como um boi sorve água duma pia. Insistiam igualmente com o administrador para



Um escravo scyta

comer e beber. Mas êle discreto e grave abanava a cabeça que não. Parecia, de resto, um môsa-morta. Animava-se, apenas, quando via algum parente e então pedia licença a Xenofonte para o chamar para o pé de si.

Chegado à localidade em que se instalara. Quirísofo, depararam-se-lhe grupos de soldados, de frente cingida por corças de feno seco, fazendo-se servir por jóvens armênios, vestidos à barbaresca. E era por sinais, como a surdos-mudos, que lhes indicavam o que tinham a fazer.

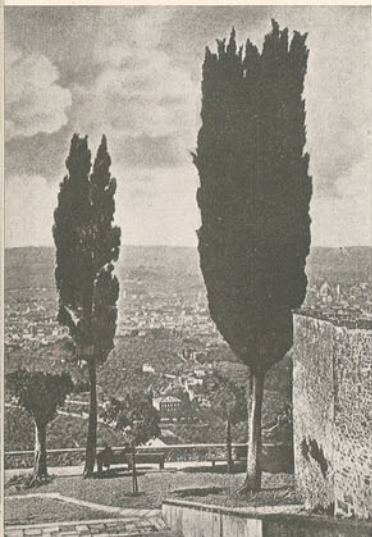
Depois de trocadas as saudações do estilo, perguntou Quirísofo ao administrador, por meio duma língua em que país estavam.

— Na Arménia — respondeu êle. Perguntaram-lhe depois a quem se destinavam os poldros, respondendo que ao rei, a quem eram pagos como tributo. E de bom grado forneceu tôdas as informações quanto à terra límitas, que era habitada pelos Cálibes, e qual o caminho que deviam para lá.

Depois de interrogado, Xenofonte foi levá-lo à família. Deu-lhe um cavalo escanzelado que trazia, recomendando-lhe que o engordasse para o imolar ao Sol, tendo averiguado que os Persas o haviam consagrado àquela divindade. Em compensação levou os poldros que distribuiu pelos capitães e seus lugares-tenentes. Os cavalos indígenas eram mais pequenos que os dos persas; mas eram mais generosos. O administrador ensinou aos gregos como deviam fazer para, quando houvesse neve, êstes cavalinhos se não enterrassem nela até ao ventre. Era meter-lhes as patas em saquinhos atados ao jarrete.



Soldado grego



No miradouro de Fiésolo. Ao longe vê-se a cidade de Florença

A paisagem do Arno tem maciezas de tom e segrêdos de luz, que adoça os ânimos dos mais rebarbativos e harmonisa as almas com generosidade. Montes e vales passaram a dar-se como Deus com os anjos. A Idade-Média foi uma bravata terrível; as vozes dos arautos e dos poetas, porém, aplanaram os ódios dos guerreiros, dando-se as mãos, por último, tôdas as vilas ao redor de Florença, para que a Toscana merecesse o privilégio que jámais perderá, de terra abençoada entre as mais formosas, soberba sempre, mas com razão.

O Campanilho da Catedral de Fiésolo, com uma corôa acastelada que evoca as antigas desconanças de Santo Alexandre, sendo um museu de Arte é sobremaneira um belo padrão da Arte de

Mino de Fiésolo, precoce e prodigioso escultor, nado e criado à sua sombra, como os Ferruci que lá dentro se admiram igualmente. Fiésolo tem alguns nomes de artistas ligados às suas riquezas, como Brunellesco e Michelozzo, engenhosos arquitectos, como Giovanni della Robbia e Francesco de Sanzallo, imaginários de boa nomeada, mas nenhum ali venerado como o seu extraordinário filho, que na História de Arte, com um apelido, perpétuamente recorda o torrão natal: — Mino de Fiésolo. Porém no mosteiro dos dominicanos um outro valor mais alto se alevanta: — Frei Angélico, o Beato Angélico de Fiésolo e de S. Marcos. O seu génio de pintor e a sua alma de santo páiram por tôda a Itália. Se houvesse um céu para poetas, nenhum mais do que êle mereceria lugar de tanta honra. Só a Itália poderia encher êsse céu, se os céus não fôsse infinitos. No entanto, se a fraternidade da congregação permitisse destaque para qualquer artista, é bem de crer que Giovanni Angélico tivesse maioria de votos para subir ao trono. Quando o patriarca dos Médicis convidou o revoltado Savonarola a instalar-se em S. Marcos, diziam os freis que fôram as pinturas do irmão vindo de Fiésolo, que serenaram os nervos dum e doutro, fazendo o milagre da sua reconciliação. Verdade ou não, se aqueles paineis não têm feito milagres, é mais que certo serem êles um milagre da Omnipotência divina. Em cada cela e em cada altar onde êles se venerem são como rezas de amor que deslumbram quem tem uma alma para escutar a belesa. O *Louvre* arrebanhou daqui, do convento de S. Domingos, a célebre *Coroação da Virgem*, para o seu mostruário. Pois nenhum pagão passa por Paris sem ir adorar aquele painel. Sim, sim, eu creio nos milagres da Arte! Por isso eu tenho os meus Santos a quem levanto altares, Santos Poetas que me enchem o coração de céu!

SOB O CÉULO LORENTINO

MARAVILHAS DE FIÉSOLE



A deposição — Angélico

Mas na terra também há outros céus. Fiésolo é um dêles. Quando os frades agostinhos aproveitaram as pedras da Acrópole e sôbre aquelas ruínas edificaram um pequenino refúgio, é porque sabiam do seu mistério. Pouco depois cederam-no aos franciscanos que o desenvolveram e poetisaram. Sem faustos nem políticas, encerraram-se nos seus claustros ajardinados e com cisternas no eixo, junto dos quais vão resar as *Fioretti*. Plantaram ciprestes e unção pela escarpa abaixo; rasgaram miradoiros e equilibraram alpendres para a sombra da contemplação; e em cada buraco pequenino onde só há espaço para uma enxerga, um crucifixo e uma alma, talharam uma lucarna por onde a luz do dia lhes vem dizer da paz daquele céu, já que da do Mundo ninguém cuida senão com



Retrato de desenhado Mino de Fiésolo

retóricas. Num pátio dêste convento, engalanado com canteiros e vasos decorativos, existe um painel moderno, representando S. Francisco a abraçar S. Domingos, obra sêca de Bacci, que nem por sombras chega aos calcanhares do relevo esmaltado de Della Robbia, na galilé do hospício de S. Paulo em Florença, fronteiro a Santa Maria Novella.

No entanto é êste quadro que leva os curiosos a informarem-se da igreja dominicana, para em magote descerem o calvário da rua dos Capuchinhos e irem ajoelhar deante do de Irmão Angélico.

Depois, já excitados pelo gôso e pelos chistes dos cocheiros de tipóia, correm a ver a Abadia, o que o velho Cósimo de Médicis construiu, dando louvros ao Senhor por inspirar a

gente rica para cuidar da religião com tantas galas.

Os Médicis, em Itália, formaram uma tribo de génio bom, que a par de virtudes várias e velhacarias terríveis — o homem veio da selva com um coração no peito! — amaram a sua terra tanto, como protegeram os artistas. Dados a requintes de luxo, escolhendo o melhor convívio dos literatos e dos pintores, não deixaram lugar toscano de belesa sem lá edificarem palácio ou vilino, para abrigarem os seus descansos e os seus amigos de renome. Em Fiésolo mandaram erguer uma bela vivenda com jardins de apurado gôsto e onde por um triz dois dos mais brilhantes membros de tal tribo — Lourenço e Juliano — iam sendo envenenados por conta da malvadez dos invejosos. O homem, repito, veio da selva; e muitas vezes o coração que trouxe no peito era mais duro que diorite. Nem a generosidade alheia o amolecia, nem a belesa, nem os cultos de doçura alcançavam transformá-los. E sempre assim foi, é e será enquanto houver polítticos e oiro.

Fiésolo, tem muitos outros favores da Natureza e das pessoas de gôsto. É maravilhosa a vista das suas colinas, salpicadas de palacetes e de arvoredos, como em certos quadros antigos aparecem nos fundos, a ajudarem os ambientes religiosos. São formosíssimas aquelas vilas da velha nobreza florentina. Há-os às dezenas com nomes heróicos a distingui-las e a nobilitá-las. Os jardins então, são de nos deixar babosos. Qual Frescati!... qual Tivoli!... quais hortos da beira-água, para riba de Milão a intrometrem-se com a Suíça!... Tudo isso é muito lindo, muito romântico, monumental até, mas nada chega à intimidade artística dêstes recantos, fidalga e claustral ao mesmo tempo, com perfumes de côr e recortes de perspectivas que estonteiam, luxuriosas em vez de luxuosas, entregues à luz e ao silêncio, como pastores poetas



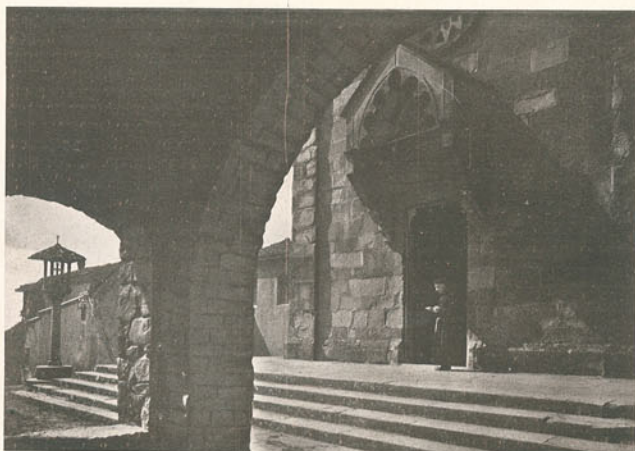
Anunciação — por Frei Angélico

obcecados pelo amor do sonho. Os *cigarrales* de Toledo seriam os únicos rivais dêstes pombais encantados. O crítico de arte, Ugo Ojetti, bem sabe da alegria que todas as manhãs colhe, ao ver lá longe as cúpulas de Florença, a cruz de S. Miniato e o Castelo de Poggio, abarcados pelo amplexo azul-violeta dos Apenninos.

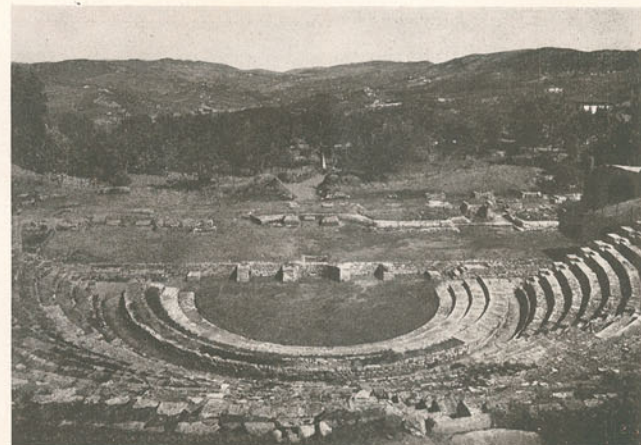
Eu nunca soube ao natural dos tormentos da inveja! Mas o dianho me leve se, visto não ter vocação para monge, não trago no coração os desejos de me ir esconder para ali, como um ermitão, até que a Morte se encarregue de mim!

Que pena não ter nascido velha rica inglesa!...

DIOGO DE MACEDO



Igreja de S. Francisco, no alto de Fiésolo



Theatro romano em Fiésolo

alemã mostrou-se entusiástica à cerca da luta de Francfort, entoando cântico geral de elogio.

Fussball, o órgão oficial do jogo da bola na Alemanha, intitula os seus comentários, em letra de caixa alta: "Portugal, nova estrela no firmamento do futebol europeu, põe em cheque o onze germânico.", e, no decurso do artigo, refere-se-nos sempre laudatoriamente, apreciando a maior rapidez e decisão dos nossos jogadores, o seu excelente jogo de cabeça, uma técnica de conjunto que considera superior aquela que, no passado, haviam mostrado os próprios grupos espanhóis.

Os jornais franceses seguem a mesma toada; recordam-se os feitos da equipa olímpica de Amsterdão, para lastimar o esquecimento a que o nosso país foi votado nestes últimos anos pelas nações da Europa Ocidental.

Ainda que outras vantagens não tivéssemos obtido, esta consagração no conceito crítico internacional compensa largamente os sacrifícios e dissabores da nossa expedição aventureira. A amargura da derrota em Milão, quando tecnicamente fomos superiores e marcáramos na fase final do encontro um domínio territorial suficientemente expressivo, atenuar-se-à com o tempo porque o futuro se encarregará de nos mostrar que, mesmo perdendo, ganhamos.

A insistência com que os jornais parisienses lastimam o nosso afastamento dos oitavos de final do Campeonato do Mundo, e a sugestão bem acolhida de que nos fôsse destinado — mesmo depois de derrotados pelos suíços — o lugar deixado vago pelo desaparecimento da Áustria, são testemunhos de apreço desin-

A QUINZENA DESPORTIVA

teressado que devemos receber com legítimo orgulho.

L'Auto, pela opinião do seu enviado especial ao jogo de Itália, declara formalmente que irão exhibir-se em França, em Junho próximo, alguns grupos de categoria bastante inferior à dos portugueses, para quem a Federação Internacional foi severa no procedimento. Inconvenientes da nossa posição geográfica e, ainda, do forçado alheamento da Espanha cujo delegado era o único advogado a defender os nossos interesses na Comissão do organismo máximo do futebol.

Estes dois jogos contra a Alemanha e contra a Suíça, tiveram a virtude de chamar sobre nós de novo a atenção do mundo desportivo; para futuro imediato ficam facilitadas as nossas relações internacionais e qualquer nação europeia aceitará de bom grado a proposta duma visita do onze português. Aproveite-se a maré propícia para manter um contacto no estrangeiro que é elemento indispensável ao nosso progresso e, até, à conservação da nossa classe de jogo.

É interessante salientar que a característica mais apreciada nas nossas exhibições foi a ligação do grupo, o jogo de conjunto a que todos os jogadores se subordinaram, abstraindo por completo de proezas individuais; muita velocidade, defesa segura e ataque sempre incisivo, prejudicado este último apenas por frequentes hesitações no aproveitamento da oportunidade de remate. Hábito, já anti-

go, de passar e repassar a bola já ao alcance da zona de tiro e no qual transparece o reflexo da escola húngara, principal mestra do futebol lusitano.

Estes pequenos defeitos, são pormenores corrigíveis pela experiência das grandes competições, pelo contacto com escolas diversas num meio estranho como aquele em que agora lutou o grupo de Portugal.

Não levando em conta o jogo de Vigo, cujo ambiente foi quasi caseiro, o onze nacional não passava a fronteira desde 11 de Março de 1934, o dia do desgracado 9-0 em Madrid, e não transpuzera os Pirinéus desde 8 de Junho de 1930, data do primeiro encontro com a Bélgica perdido por 2-1; e dos jogadores esta época incorporados na equipa, só Gustavo Teixeira tomara parte num encontro internacional em terra estrangeira, precisamente esse de Antuérpia em que alinhou a médio esquerdo.

Pode, portanto, afirmar-se que o grupo português agiu em meio e condições que lhe eram completamente estranhas e o facto de ter encontrado desde as primeiras escaramuças a posse serena dos seus recursos é o maior testemunho incontestável de valor coletivo e de classe individual.

A grande maioria dos actuais jogadores internacionais é formada por atletas novos, muitos deles na escada ascendente da sua carreira desportiva; o núcleo de elementos que lhes serve de reserva é constituído por valores muito aproxima-



A seleção nacional de futebol que em Francfort e Milão cobriu de glória o desporto português, alinhando em saudação antes do encontro que empatou com a Alemanha

dos aos titulares e, assim, por ambos os motivos nos deve merecer confiança o grupo confiado à proficiente orientação de Cândido de Oliveira para reverdecer os louros do futebol lusitano.

Há muitas marés, mais do que marinheiros, e a infelicidade também se cansa de perseguir sempre os mesmos.

Os acontecimentos encarregam-se de nos trazer, com frequência cada vez mais insistente, testemunho formal da feliz evolução da mentalidade do meio desportivo e associativo, onde a propaganda da educação física progride com segurança. A apresentação de classes de ginástica, outrora exclusiva a dois ou três

clubes especializados, constitui de momento o programa preferido para as suas festas por grande número de agremiações de desporto, ou procurando como atractivo de interesse público por outras colectividades de objectivos diferentes.

Foi bem característico desta nova orientação, o sarau promovido para comemorar o seu primeiro aniversário pelo Grupo Desportivo e Recreativo da Imprensa Nacional; uma colectividade de tão recente fundação e com características essencialmente corporativas, apresentando como certificado de trabalho durante o primeiro ciclo da sua existência, em vez de quaisquer fáceis exhibições desportivas, quatro classes de ginástica educativa com mais de oitenta alunos no conjunto, crianças, homens e senhoras, demonstrando um critério realmente acertado e ao qual é justo prestar homenagem.

Este exemplo entre tantos, citado pelo particular relevo alcançado, não pode fazer esquecer-nos referência ao III Concurso de Ginástica Educativa, sem dúvida o acontecimento máximo da quinzena e cuja última sessão se efectuou ontem no ginásio do Liceu Camões.

Durante uma semana e à razão de quatro por noite, apresentaram-se 28 classes de todas as categorias, sem que o público sempre numeroso se cansasse de aplaudir ou se esquecesse de comparecer.

Guardaremos para a próxima crónica a análise mais profunda do Concurso, visto neste momento ser impossível fazê-lo com a indispensável ponderação.



As classes de ginástica do Grupo da Imprensa Nacional, formados em continência aos representantes dos srs. ministros do Interior e da Educação Nacional, no brilhante sarau promovido por aquela agremiação

SALAZAR CARREIRA.



O gigantesco Jacobs, guarda-ré da Alemanha, vale-se da altura para esquivar a bola à cabeça dos nossos atacantes

O sonho desfez-se, deixando-nos a amargura dum golpe injusto do destino. A temporada internacional da selecção portuguesa de futebol findou em Milão com uma derrota na qual mais influíu o capricho do destino do que o valor do adversário; há tardes assim, em que as coisas mais bem delimitadas se burlam dos nossos propósitos e veem a falir porque a sorte joga em contrário.

A equipa suíça, nossa adversária na eliminatória para o campeonato do mundo, ganhou o encontro, afinal o que importava e o único factor a contar; mas os portugueses deram prova de maior classe e, na opinião unânime da crítica, mereciam em valor absoluto ou relativo a preferência da vitória caprichosa. Chama-se a estes precalços, a modos de compensação moral, a gloriosa incerteza do desporto: ficámos com a glória, mas o proveito foi para o outro competidor.

Seja, porém, como fôr, é incontestável que resultou brilhantíssima esta campanha dos portugueses no estrangeiro, que serviu utilissimamente a causa do nosso prestígio desportivo no conceito mundial. Foram já reproduzidos com largueza nos jornais portugueses as apreciações dos jornais italianos sobre a nossa segunda exhibição; por sua vez, a imprensa



Nam dos inúmeros ataques dos portugueses, o guarda-ré suíço defende-se a custo da carga enérgica do avançado centro Peitroto

— Ó mamã! a criada diz que o telefone está impedido.
 — Está bem.
 — (Pausa)... Ó mamã o que quer dizer impedido?
 — Quer dizer que está a falar.
 — Porque é que o papá trata o soldado por impedido se êle está quasi sempre calado?

Um tio já velhote.

— Alfredo, é preciso que saibas que o teu tio é teu amigo. Hoje, fui segurar a minha vida em 40 contos e por minha morte és tu quem os recebes. Que queeres mais que eu faça?

— Muito obrigado meu tio; agora não faça mais nada neste mundo!

— Justino, olha que está a chover; leva o chapéu de chuva!

— Ó menina, bem vês que isso não pode ser! Eu para estar sempre prevenido, tenho cá êsse chapéu e outro na loja. Se levasse agora o de casa, ficava com dois no estabelecimento!... Não, não... prefiro molhar-me.

Um grego e um veneziano questionavam acêrca da excelência de suas nações.

O grego, para provar que a sua excedia tôdas as outras, disse que era da Grécia que todos os sábios e filosofos tinham saído.

— Isso é verdade, disse o veneziano, e é por isso que não há agora lá nenhum.

Num dos grandes armazens da Baixa.

O freguês: — Onde se meteria minha mulher, que a não vejo em parte alguma? Como encontrá-la?

Um dos caixeiros: — Comece V. Ex.^a a conversar um bocado com aquela caixeira bonita que está além e verá como a sua esposa lhe aparece imediatamente...



O médico: — O senhor abusa impenitentemente das bebidas alcoólicas e isto assim não pode continuar! É preciso pô-lo pelo menos, durante um ano num regime rigoroso só a leite! Ouviu?

O doente: — Não dá resultado, sr. doutor. Já sofri esse regime há muitos anos sr. doutor e nesse tempo ainda não beberricava...

— Então quando foi isso?

— Nos primeiros 11 meses da minha vida, segundo me contou a minha defunta mãe!

Numa visita de pêsames:

— Ah! meu pobre amigo! Admirei-te a coragem com que acompanhaste tua mulher até à última morada.

— Então que queres tu? Nunca tive confiança nela.

— Ó Narciso, prega um tiro n'aquelas perdizes que vão ali voando!

— Agora não posso, tenho a arma descarregada.

— Não faz mal! Elas sabem lá se isso está carregado ou não!...

Numa excursão de automóvel, á Batalha.

O guia vai descrevendo as coisas mais

importantes e quando avista o monumento diz:

— Lá está o convento da Batalha!

— Que grande edificio! — exclama um dos excursionistas.

— E o sr. está a vê-lo por fora — responde o guia — por dentro é muito maior!...

Um gátuno orava todas as noites quando se deitava e nas suas orações dizia sempre o seguinte:

— Meu Deus! não desejo incomodavos em pedir riquezas; basta só que me indiqueis onde elas se encontram, que eu lá as irei buscar, mas sem risco de ser preso! Pode ser em qualquer dia, porque estou sempre disponível!

— Jacinta!

— Minha senhora!

— Hoje apetece-me ir até ao campo, jantar em cima da relva. Faça os preparativos!

— Sim, minha senhora, com o maior gosto. Comi lá muita vez, na relva, quando levava a vaca a pastar...

Num tribunal.

O advogado do auctor:

— Requeiro que a testemunha Manuel da Costa, seja dispensada de depôr, atendendo ao seu precário estado de saúde mental!

O advogado do réu:

— Contesto o requerimento do meu ilustre colega, porque não vejo motivo algum que o justifique, visto encontrar-se a testemunha em aparente bom estado geral!

O advogado do auctor:

— Sustento o meu requerimento, atendendo a que a testemunha é casada pela 3.^a vez!

O tribunal resolveu por unanimidade que a testemunha fôsse dispensada, considerando que não pode estar no uso das suas faculdades mentais, quem pratica três vezes semelhante asneira!...

— Ó D. Pulquéria, como tem passado? Há muito tempo que não me faz uma visitinha...

— Olhe, D. Gertrudes, tenho passado mal e o médico proibiu-me rigorosamente de cantar. A minha amiga sabe que eu estava sempre cantarolando em minha casa!

— Perfeitamente, até os seus vizinhos de cima se mudaram por êsse motivo, os grandes estúpidos... E a propósito, quem mora agora lá? Será o seu médico?...

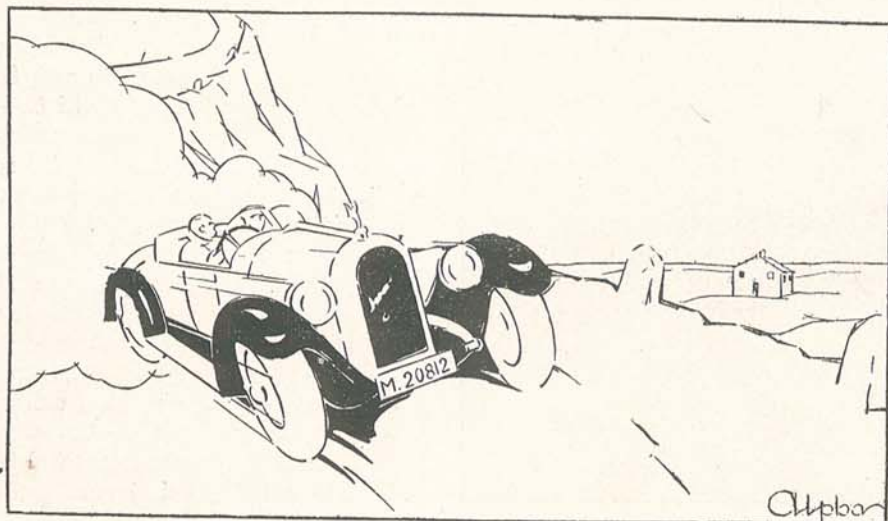
— Dize-me uma coisa, ó Raul:

— Quando pediste a minha mão ao papá, contaste-lhe que tens os doze contos depositados no Monte-Pio-Geral.

— Sim, meu amor!

— E êle o que disse a êsse respeito?

— Pediu-mos emprestados!...



O passageiro: — Homem, abrande a velocidade, estas curvas perigosas põem-me os cabelos em pé!
 O volante: — Faz o mesmo que eu faço... Olha para outro lado...

CLAROS NAS FILEIRAS

A vida é um campo de batalha, onde todos nós combatemos por um ideal mais ou menos justo, mais ou menos

simpático, e todos os combatentes, felizes ou infelizes nas suas ofensivas ou defesas, são dignos do respeito e da estima de amigos e adversários.

Às vezes a gente olha em volta de si e vê claros nas fileiras, lugares vazios, uns, que mais perto de nós combatem, deixam-nos uma saúde maior, outros, que pelemos mais além, se não nos deixam tão profundamente penalizados, quando desaparecem, fazem-nos, ainda assim, lastimar a perda de valores que aproveitavam à humanidade em geral. Foi o que aconteceu com a morte de D'Annunzio e de Chaliapine.

Artistas os dois, um da palavra escrita, outro dando-nos, com a sua voz e o seu conhecimento da expressão, todos os requintes da concepção literária e musical, ambos nos encantavam, levando-nos rendidos, presos da mais pura sensação de arte.

De D'Annunzio está tudo dito. Os jornais contaram, em grandes parangonas, os seus feitos de poeta e de soldado. Só não frizaram bastante a sua "coquetterie", espiritual, por vezes cruel, misturando beijos com dentadas, e indo da carícia suprema à suprema traição.

Eleonora Duse sentiu-lhe bem as garas afiadas.

Todos os jornais falaram já também de Chaliapine, o grande cantor russo, com mais ou menos luxo de pormenores biográficos, mas nenhum se referiu à parte mais importante da sua vida, episódio sem o qual ele não teria nunca chegado aos píncaros da fama, nos anais dos faustos da ópera lírica. Todos dizem que se fez por si mesmo, que foi apenas devido à sua bela voz que passou dos coros para a lista dos primeiros papeis.

O que ninguém disse é que ele deveu a sua carreira teatral a uma grande dama da corte imperial russa, à princesa de Yoriewski, que foi quem custeou as suas

lições de canto, maravilhada pela sua linda voz. A princesa tinha por ele uma afeição toda maternal. Foi em casa dessa ilustre senhora que eu conheci Chaliapine, que ela própria me apresentou.

Depois de ter cantado numa festa dada por madame Julieta Adam, fui convidada

seguiu conquistar a popularidade mundial, num tempo em que Portugal era pouco menos que desconhecido. Desta canção restam-me duas lembranças vivas e nítidas na minha alma: a de Chaliapine, recebendo o meu cravo, com um sorriso que lhe iluminava o azul dos olhos, e a do nosso Infante D. Afonso, muito atrapalhado, còrando como um colegial, quando lhe atirei o último cravo do meu ramo com as últimas palavras da copla — "para ti, para ti, para ti!", no palco do Gimnásio,

com grande satisfação do "Caracoles", que estava no camarote defronte do de Sua Alteza — "O meu príncipe!"

Já se foram ambos, e de ambos guarda a minha alma essas duas lembranças sempre viçosas como os perfumados cravos do mês de Santo António que já perto vem.

Outro morto surge agora na minha memória, esse mais junto a nós, na data e no local.

Uma cruz na porta do Teatro Politeama deu-nos a triste notícia da morte do seu fundador — Luiz Pereira.

E fica bem, ao lado da evocação dos dois artistas, a do empresário desaparecido, porque se não era de facto artista era-o na sua forma de sentir, no seu amor por tudo

quanto era belo. Foi ele o traço de união entre o público e as emoções de estética espiritual que lhe proporcionou.

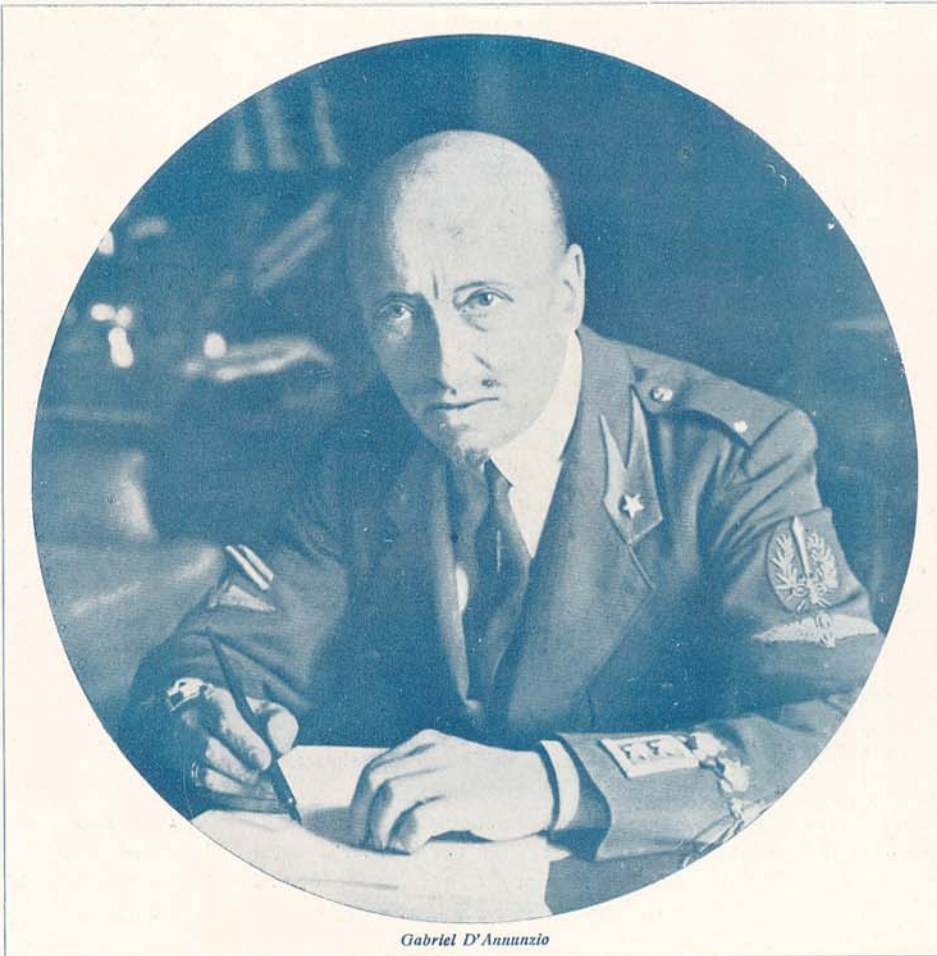
Pelo seu teatro passaram os mais graduados artistas mundiais e foi Luiz Pereira quem incutiu no nosso povo o gosto pela música, com os concertos sinfónicos que organizava sob a batuta de afamados directores nacionais e estrangeiros.

Esse homem, a quem alguns achavam rude e pouco abordável, tinha uma alma de uma suavidade quasi infantil — uma alma que se retraía, quando se via incompreendida.

A sua rudeza e severidade queriam apenas dizer disciplina e ordem.

Descanse em paz!

MERCEDES BLASCO.



Gabriel D'Annunzio

para tomar parte num sarau no Palacete de Neuilly, residência da princesa de Yoriewski.

O futuro intérprete de *D. Quichote*, também cantava nessa festa, mas não era apenas um convidado.

Pude avaliar quanto era estimado e querido não só pela dona da casa como por toda a assistência, composta unicamente de príncipes e grão-duques com suas excelsas esposas.

Chaliapine era então gorducho e rosado, mas não lhe ficava mal a gordura, porque tinha uma estatura proporcionada.

Eu dediquei-lhe a canção espanhola *Clavelitos* de Valverde, da qual fui a criadora em Paris, e no final atirei-lhe um cravo, como era meu costume, quando a cantava.

Chaliapine guardou-o como recordação da portuguesinha atrevida que con-



D. Amália Fernandes Pereira — a «Sebastião»

A ideia de evocar o «Sebastião», e a «Sebastiôa», no côrso carnavalesco da Avenida, deu origem a comentários vários, havendo quem afirmasse que as personagens estavam parecedíssimas, flagrantes.

Temos o desgosto de contrariar os que aplaudiram, afirmando que o respeitável casal nem de perto nem de longe se parecia com as figurass em que pretendiam reincarná-los.

Alardeou-se para afi que o «Sebastião», e a «Sebastiôa», ostentavam um viver tão desencontrado dos moldes da vida lisboeta que se tornaram ridículos a mais não ser. Ora isso — Deus lhes perdoe! — não é verdade...

O «Sebastião» — que nunca usou tal nome porque nunca lhe pertenceu — chamava-se única, pura e simplesmente Manuel Pereira Junior. Um belo dia, meteu-se-lhe em cabeça ir tentar fortuna nas terras brasileiras, e lá foi à aventura, con-



O comendador Manuel Pereira Júnior — o «Sebastião»

fiando apenas nos próprios merecimentos. Chegando ao Rio de Janeiro empregou-se num importante estabelecimento alemão de máquinas agrícolas, dando boa conta da sua actividade indomável.

Assim foi amealhando dinheiro e simpatias. Em dado momento, estando o Natal à porta, deu-lhe para comprar um bilhete da lotaria, e, em tão boa hora, que lhe saiu a sorte grande.

Outro qualquer teria feito logo as malas e tomado o rumo da terra natal. Êle não. De alma bem formada, calmo por temperamento, em nada alterou os seus hábitos simples. Limitou-se a receber o dinheiro que depositou num banco, e continuou a trabalhar como até ali.

Tempo depois, a Fortuna, que sempre leve os seus caprichos inexplicáveis, voltou a contemplá-lo com a sorte grande, tornando-o assim milionário como por encanto.

Era tempo de voltar a Portugal. Fez as suas malas e decidiu-se a embarcar. Vem a propósito dizer que entre os seus companheiros de trabalho havia um que, por mais que trabalhasse, não conseguia alcançar uma situação condigna. Quando soube que o Manuel ia regressar a Portugal, não pôde reprimir as lágrimas.

— Cá por mim — disse êle — sei lá quando poderei voltar... Se calhar, nunca mais! Feliz de ti, Manuel, que vais tornar a ver a nossa terra! Olha: dá um abraço a quem por mim perguntar, e diz-lhe que eu por cá fico, roído de saudades, à espera de uma aragem que nunca mais chega...

— Deixa lá, homem! — retorqui-lhe o Manuel — pode ser que chegue mais depressa do que supões.

— Ora! — disse o outro com desalento — nunca tive sorte nenhuma. Por mais que lute não sairei nunca da cêpa torta...

— Queres tu vir comigo? — perguntou o Manuel.

— E que vou eu lá fazer? Empenhar-me mais na viagem para ter de voltar?

— Se queres vir, pago-te a passagem e empresto-te o que precisares para governar a tua vida. Parece que é ter vontade de ajudar-te.

O amigo do Manuel aceitou a generosa oferta, e, tendo-se estabelecido em Lisboa, em breve se evidenciou, e fez fortuna de que os seus descendentes ainda usufruem.

Manuel Pereira Junior era duma generosidade extrema. Nunca junto dele a miséria implorou em vão.

Foi do seu bolso que saíram os mais importantes donativos e esmolas que se registaram nos últimos cinqüenta anos. Interessava-se também pelas artes. Um

LENDAS DE MAU GOSTO

O «SEBASTIÃO» E A «SEBASTIÔA»

Como os evocam e como êles foram

músico ilustre, falecido há poucos anos, deveu à sua generosidade o estágio que fez no estrangeiro para aperfeiçoar-se.

Certo dia, Manuel Pereira Junior fez uma viagem a Espanha, tendo encontrado em Pontevedra uma jovem que lhe fez palpitar o coração.

Chamava-se Amália e tinha 18 anos, tão viçosos como os cravos de S. João.

Sentindo-se enamorado, o nosso Manuel decidiu-se ir pedir a mão da jovem ao pai, o sr. José Fernandes, honrado proprietário de Tabagon.



O tenente-coronel Henrique Vasco de Sousa Prego, cunhado do «Sebastião»

A primeira vez que a jovem veio a Lisboa foi em 1883, a acompanhada por sua mãe D. Basília Guimaraes Padim e por sua irmã D. Pastora. O casamento efectuou-se com a maior pompa, nesse mesmo ano, e deve dizer-se que essa união foi abençoada, visto nunca ter havido uma leve sombra a toldar a longa vida desse casal feliz.

Mas Manuel Pereira Junior era rico e a esposa ostentava joias valiosas e vestidos caros — e daí a inveja a preparar o ambiente de ridículo que deveria envolver êsse par modêlo.

O Manuel não era muito culto, lá isso não era, mas lia e escrevia correctamente o português e o francês e tinha ainda uns rudimentos muito apreciáveis de contabilidade comercial.

O seu físico era o físico de qualquer homem vulgar. Portanto, não havia motivo para ridículo. Mas era rico, tinha muito bom dinheiro, embora licitamente ganho — e daí o galhofarem com a sua pessoa sempre que o viam passar na sua carruagem vistosa, dando a direita à esposa.

— Eh! «Sebastião»!... Olha a «Sebastiôa»!

A que vinham semelhantes alcunhas? Que origem tinham? Nenhuma. Chamavam-lhe Sebastião como lhe poderiam chamar Alberto ou Porfírio... O que era preciso era chamar-lhe alguma coisa.

E o Manuel Pereira Junior dava um solene cavaco com isso.

Um dia, um plumitivo qualquer, dando-se ares de correspondente da Imprensa brasileira, vislumbrou ali uma mina preciosa a explorar, e foi bater à porta do nosso Manuel.

Sendo recebido, desfez-se em salamaletes diante do bondoso ricaço: «Senhor comendador para acolá... V. Ex.ª manda... V. Ex.ª não tem mais que ordenar...»

Inquirindo mais directamente sôbre o fim da visita, o tal plumitivo declarou-se na firme disposição de tornar a seu cargo a mais calorosa defesa contra os miseráveis detractores do sr. comendador Manuel Pereira Junior e de sua excelentíssima esposa, a sr.ª D. Amália Fernandes Pereira.

O pobre ricaço, que era de uma boa fé de criança, não se apercebeu do pulhismo do visitante que deveria ser posto, acto contínuo na rua, a ponta-pés do mais humilde dos criados. Manuel Pereira Junior, na sua ingenuidade enervante, agradeceu comovido tão espontânea oferta, que, no fim de contas, custaria alguns contos de réis.

Foi na altura em que o vigarista fixava a paga dos serviços que se propunha prestar, que entrou a esposa do comendador. Atingindo imediatamente a miserável acção do chantagista, a D. Amália, não

esteve com mais rodeios, e classificou de burla uma tal proposta. De resto, de que poderiam acusar o seu marido? Algum dia deixára de ser honesto? De que poderiam acusá-la a ela? De ter casado legitimamente com o sr. Manuel Pereira Junior e viver na melhor harmonia do seu lar feliz? Acusá-los-iam de darem esmolas avultadas, de mitigarem a fome a todos os que lhes estendiam as mãos supplicantes, de enxugarem as lágrimas a tôda a desgraça que viesse implorar à sua porta?

Pois que o dissessem alto e bom som, que isso só lhes poderia criar simpatias.

O burlão safu corrido e vexado, resmungando umas desculpas que ninguém percebeu. Mas na sua alma tôrva referia a ânsia duma desforra vil e caluniosa. Desatou a publicar tôda a espécie de infâmias contra o honrado casal, chegando a fazer correr que a D. Amália, que tratava por «Sebastiôa», havia sido *camarera* num cabaré brasileiro, quando a pobre senhora nunca pusera o pé em terras do Brasil!

Em resumo: êsse casal, que tanto deu que falar à Lisboa de 1900 — e que ainda está dando assunto após tantos anos — nada tinha que vêr, nem de perto nem de longe, com os dois foliões que se exibiram no último côrso carnavalesco da Avenida!

A ideia não foi das mais felizes, lá isso não foi. Pois se, dias depois, tendo o individuo que se prestou à mascarada falecido sem mais rodeios, houve logo quem dissesse que aquilo fôra castigo de Deus.

Tambem, nem tanto ao mar nem tanto à terra...

O homenzinho, embora tivesse apenas 49 anos de idade, pesava o melhor de 180 quilos, e a saúde não era muita. Encarava a vida pelo melhor prisma, apreciando as patuscadas, sempre alegre e brincalhão até à morte.

Chegou a sua hora e acabou...

Se não tivesse feito o «Sebastião», teria morrido da mes-



Manuel Pereira Junior no dia do seu casamento com D. Amália em 1883

ma maneira. Que tanto êle, como os evocados, descansem em paz!

Na terra da verdade todos se igualam, sejam quais forem as suas proveniências.



Como o respeitável casal foi evocado no último côrso carnavalesco da Avenida

O IV "SALON" DO ESTORIL

ORGANIZADO pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol e sob o patrocínio da Sociedade Nacional de Belas Artes abriu o IV "Salon," do Estoril que ostentou 67 quadros a óleo em que se destacaram os mais inspirados pinceis portugueses.

Lá vimos telas de Carlos Reis, João Reis, Veloso Salgado, David Melo, António Saúde, Frederico Aires, Mário Augusto, Lauro Corado, Joaquim Costa, Falcão Trigo, Maria Eduarda Lapa, Beatriz de Melo Schiappa Azevedo, Francisco Branco, Basalisa, Raul Carapinha, Maria de Lourdes Ribeiro Carvalho e Silva, Rafael Castro, Albino Armando Costa, José Contente, Francisco Romano Esteves, Maria Emília Fernandes, Anabela de Sant'Iago Figueiredo, Frederico George, Pedro Guedes, Beatriz Lacerda, José Leite, Joaquim Lopes, Raimundo da Silva Machado Luz, José Serra Mota, Isidro de Franco Ramos, Maria Luiza Reis, Eduardo Romero, Alda Machado Santos, Fernando Santos, Ernestina Moreira dos Santos Segurado, Constâncio Silva, Al-



O «Pinguinhas», de David Melo, que figurou no IV «Salon» do Estoril

berto Teles Machado, Maria Emília de Barbosa Viana e João Pedro Veiga.

Aquarelas de Alberto Sousa, Alfredo Morais, João Rosa Rodrigues, Augusto Pina, Narciso Morais e tantos outros;

desenho, pastel, de tudo um pouco, honrando esta louvável iniciativa.

Uma tão bela exposição deve ter deixado as mais gratas recordações a todos os que tiveram a feliz ideia de a visitar, aproveitando, além do magnífico passeio, os bons ares.

O Chefe do Estado inaugurando a Exposição



Festas de caridade

FESTIVAL PORTUGUÊS

Na noite de 4 do corrente, efectuou-se nos salões do Quartel do 5.º Batalhão da Legião Portuguesa, que se encontra instalado no Palácio da Assistência Pública à Praça do Brasil, uma interessante festa de caridade, cujo produto se destinava ao fundo de Assistência Social do mesmo batalhão, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, pertencentes às famílias de legionários do 5.º batalhão, da qual faziam parte as seguintes D. Alberta Morgado, D. Amélia de Vasconcelos e Távora, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, Condessa de Castelo Mendo (D. Rita), D. Elsa de Almeida e Vasconcelos, D. Flora Monteiro Gomes, D. Grace Correia da Silva, D. Julieta Vilardebó, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breynar, D. Maria Empis Félix da Costa, D. Maria Izabel de Melo e Costa (Ficalho), D. Maria Izabel Seara Roquete Bastos, D. Maria de Oliveira Reis, D. Maria Santos Roque de Pinho, Marquiza de Tancos e Viscondessa da Fonte Boa.

Constou o festival de vários números por um grupo de distintos artistas dos nossos teatros do qual faziam parte Beatriz Costa, Carmencita Aubert, Ercília Costa, Herminia Silva, Irene Izidro, Alberto Reis, Alfredo Ruas, Estevão Amaranço, Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Nascimento Fernandes e o distinto pianista José Novais, quem a selecta assistência não regateou aplausos, e dança que foi abrihantada pela célebre orquestra típica Algarvia do «Retiro da Sebra» sob a regência do distinto maestro João Nobre.

Noutros salões houve quermesse, tómbola e outros divertimentos, que também foram muito visitados.

Um grupo de gentis meninas da nossa melhor sociedade, pertencentes às famílias de legionários do 5.º batalhão, serviu uma esplêndida ceia.

Estas festas enobrecem quem as organiza por dois motivos, primeiro porque obtêm fundos para a protecção aos legionários pobres e o segundo porque faz a união da família dos legionários, sem olhar a categorias nem a classes.

Casamentos

Presidido pelo prior da Madalena e beneficiado da Sé, reverendo Soares, que no fim do acto pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na igreja de Santo António da Sé, o casamento da sr.ª D. Albertina do Carmo Marques Antunes Barata, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição Marques Antunes Barata e do distinto oficial da armada sr. Bartolomeu Antunes Barata, com o sr. António Martins, funcionário superior da Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Martins Moita e do sr. Rogério Soares Moita.

Fôram padrinhos a irmã da noiva sr.ª D. Filomena Marques Barata Coelho de Almeida, e os srs. dr. D. António Pereira Forjaz, ilustre professor de Faculdade de Ciências de Lisboa, capitão de mar e guerra José da Silva Teixeira, e José Coelho de Almeida, cunhado da noiva.

De caudatárias da noiva, serviram as meninas Maria Manuela Marques de Abreu e Maria Antonieta Martins Calado.

Durante a cerimónia fôram cantados pela sr.ª D. Adelina Fernanda Soares, com acompanhamento de órgão, vários trechos de música sacra.

Terminado o acto foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, de automóvel para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel, seguindo dali para uma digressão pelo país.

— Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.ª D. Júlia Gonçalves Vilar, interessante filha da sr.ª D. Felícia Gonçalves Vilar, e do nosso querido amigo sr. Armando Vilar, director da Sociedade Propaganda da Costa do Sol, com o distinto engenheiro sr. Vitor Costa, filho da sr.ª D. Ernestina Costa e do sr. Jaime Costa, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

— Em Campo Maior, celebrou-se na igreja de S. João Baptista, o casamento da sr.ª D. Maria das Dores Pereira de Agrela, interessante filha da sr.ª D. Maria José Pereira de Agrela, e do sr. dr. Justo Garcia Agrela, com o sr. dr. António Carneiro Pinheiro, filho da sr.ª D. Catarina

VIDA ELEGANTE

Carneiro Pinheiro e do sr. dr. Manuel Gonçalves Pinheiro, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Guilhermina de Vasconcelos Pereira e D. Justa Pereira Parreira e de padrinhos os srs. João Garcia Agrela e António Gonçalves Pinheiro, presidindo ao acto o reverendo dr. Costa Gomes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo prior de Colares, reverendo César Augusto Garcia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria de Figueiredo Quadros de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Eugénia Figueiredo Quadros de Carvalho e do sr. António Manuel Quadros de Carvalho, com o sr. Joaquim António Peissoneau Nunes, filho da sr.ª D. Amélia Peissoneau Nunes e do sr. Francisco Carlos Nunes, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Marieta Roque da Fonseca e D. Maria do Céu da Silva Carvalho Peissoneau Nunes e de padrinhos os srs. Leopoldo Roque da Fonseca e Henrique Peissoneau Nunes.

Acabada a cerimónia durante a qual fôram executados por um terceto, composto de violino, violoncelo e órgão, vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência da noiva, à Avenida Conde de Valbom, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, presidido pelo reverendo Gameiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Lucinda Margarida Castanha, interessante filha da sr.ª D. Laura Ferreira Castanha e do tenente sr. Humberto Nascimento Castanha, com o sr. João Jardim de Spinola, funcionário do Instituto Nacional de Estatística, filho da sr.ª D. Júlia Jardim de Spinola, e do importante proprietário no Funchal sr. João Baptista de Spinola.

Fôram madrinhas a mãe da noiva, e a sr. D. Ester de Spinola Silva e de padrinhos o pai da noiva e o sr. António Sebastião de Spinola, ilustre chefe do gabinete do sr. Ministro das Finan-

ças e chefe dos serviços administrativos da Legião Portuguesa.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

— Na capela do Palácio do Patriarcado, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Ana Maria da Costa Sousa Macedo de Gamboa Bandeira de Melo, interessante filha da sr.ª D. Maria do Carmo da Costa Sousa Macedo Bandeira de Melo, já falecida e do sr. dr. Tomás Gamboa Bandeira de Melo, ilustre redactor principal do nosso colega «Novidades», com o distinto engenheiro sr. Alberto Manzanares Abecassis, filho da sr.ª D. Manuela Manzanares Abecassis e do antigo consul de Portugal, em Barcelona, sr. dr. Fernando Abecassis, servindo de madrinhas a avó materna da noiva sr.ª D. Lucia da Costa Morais da Silva Neves, madrastra da noiva sr.ª D. Maria do Carmo de Serpa Gamboa Bandeira de Melo e a mãe do noivo, e de padrinho o tio paterno do noivo, o distinto engenheiro, sr. Duarte Abecassis, presidindo ao acto Sua Eminência o senhor Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o Palácio do Bussaco, onde fôram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria José de Castelo Branco Parreira, esposa do nosso querido amigo sr. Raúl Ermida Parreira. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Luiza Pascoal Marinho Leite, esposa do sr. Alberto Tovar Leite, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— No Pôrto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Olga da Conceição Martins Teixeira de Arrochela Lobo, esposa do sr. Carlos Maria Mesquita Pimentel de Arrochela Lobo. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Branca Celeste Aurora Borges de Albuquerque, esposa do sr. Belarmino Martins de Albuquerque, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Em Coimbra, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Aurora Dias dos Santos, esposa do sr. Joaquim Duarte Santos, funcionário da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. Mãe e filha estão felizmente bem.

D. NUNO.



Casamento da sr.ª D. Albertina do Carmo Marques Antunes Barata, com o sr. António Martins, celebrado na igreja de Santo António da Sé, celebrado pelo reverendo Soares, prior da Madalena e Beneficido da Sé. (Fot. J. Soares)



que parece nunca poder ligar com essa santa afeição, toda feita de ternura e dedicação. Há mãis que criam e educam os seus filhos, não para que eles façam a sua vida, e sejam felizes por si e para si, mas querem que eles vivam para elas, para a satisfação da sua ternura acompanhando-as e sendo todos delas, afastam da sua vida todos os laços que os poderiam prender, e, quando deixam este mundo, deixam nos imersos numa profunda dor, em que se procuramos bem há também um certo egoísmo por serem privados daquele amparo moral, que toda a vida lhes tinha tirado do caminho as esperas e agudas penas, sempre prontas a ferir os que seguem a dura e áspera estrada da vida.

O egoísmo que se pensa ser uma couvação contra as infelicidades da vida, contra as contrariedades, é muitas vezes uma barreira muito difícil de transpor entre a criatura humana e a verdadeira felicidade, aquela que leva a verdadeiros actos de heroísmo que só podem ser praticados por aqueles que não digo completamente isentos de egoísmo, mas que pelo menos possuem uma pequena dose dele, que lhes permite ver a vida através dum prisma em que se não reflecte apenas o seu eu com E grande.

O que é preciso nesta época de dura e áspera luta pela vida, é combater com mais energia do que nunca o egoísmo colectivo e individual, que esmaga o mundo, com o seu peso tão grande como difícil de calcular e insuperável de tolerar.

É este defeito, aquele que mais temos de lutar em nós, e, que mais devemos combater naqueles que de nós dependem, sobretudo nas crianças, que têm a sua alma em formação e são susceptíveis de se moldar ao bem, sendo mais tarde mais felizes.

MARIA DE EÇA.

A moda

VERANEIRA, fresca, de cores garridas e alegres, a moda anima-nos a começar o verão, rodeando-nos de alegria para que melhor nos harmonizemos com os lindos dias de sol, com a variedade das flores, e com a festa da natureza, nestes lindos meses, que nos trazem a alegria de viver e a satisfação de poder estar ao ar livre, vivendo a vida da época, em que o organismo se fortifica para poder suportar os rigores da má estação.

Muitas pessoas para quem o inverno foi duro e deixou abalada a saúde, começam já a sua ida para fora, para o campo ou praia onde se fortificam de novo.

Para as senhoras a quem isso acontece damos um lindo modelo de *toilette*, usado por Benita Hume a gentil estrela da *Metro-Goldwyn-Mayer*.

É um traje simples, imensamente prático e cómodo.

Saia em lã, jequeta, fininha e leve. Blusa em seda azul escura. Blusa em *Tersey* azul escuro de



PÁGINAS FEMININAS

manga curta. Como cinto, uma tira de fazenda bege forrada de seda azul escuro.

Sandálias em pele bege completam esta *toilette* campestre e prática porque não é fresca demais.

Para a tarde usam-se os vestidos em tecidos floridos e alegres, que se casam admiravelmente com o florido dos jardins e que são de suprema elegância.

Há tecidos nos mais lindos desenhos em seda, em gaze, em etâmines e voiles. Damos um modelo elegantíssimo para *jardin-party* feito num desses lindos tecidos.

Fundo preto todo florido em lindos tons de rosa e folhagem verde, este crepe mate é dum grande beleza. A saia simples forma dois



godet atrás que são cosidos até à altura dos joelhos.

O corpo do vestido é franzido em volta do pescoço, mangas amplas e fartas que terminam um pouco abaixo do joelho, cinto em rosa e preto terminando em compridas pontas. Grande chapéu em palha preta e luvas pretas, terminam esta *toilette* dum grande charme.

Para a noite temos um lindo e simples vestido em seda branca com desenhos a preto e vermelho. *Smoking* em *claque* vermelha com uma enorme flor em seda vermelha na cintura, nas costas.

Esta *toilette* graciosa e originalíssima é usada pela loira e graciosa Miriam Hopkins, uma das mais queridas artistas da Paramount Pictures que além de ser artista é uma elegante rapariga, que veste com gosto perfeito.

Não lhe fica atrás em elegância Karen Morley, perfeita figura de mulher e artista apreciadíssima de que se orgulha a *Metro-Goldwyn-Mayer*, e que é uma das mulheres mais elegantes de Hollywood.

E que nos apresenta um lindo vestido de jantar e de noite em crepe satin preto e voile *Nixon* cinzento. A elegante saia que sobe até ao peito em estilo *princesse* é ornamentada por uma tira em setim cinzento, de onde sai a parte superior do vestido e as mangas em voile *Nixon* também cinzento. Um laço gracioso em crepe satin preto e voile cinzento, guarnece a parte superior do vestido do lado esquerdo. *Toilette* sóbria e dum requintada elegância.

Quem usa *tailleur* e qual é a senhora elegante que não possui um, no seu guarda-vestidos? Preocupa-se sempre com a blusa a usar, damos

um engraçado modelo de blusa em género colete de homem, fundo azul com riscas brancas formando quadrados. É simples e graciosa.

Os sapatos de verão, frescos e levisísimos apresentam o aspecto sandália que tão bonito é, no verão, e tão prático na época dos grandes calores. Damos um gracioso modelo que agrada certamente.

Trabalhos femininos

A mulher que o sabe ser, ocupa-se em enfiar a sua casa, com os trabalhos que saem de suas próprias mãos. Nada que torne uma casa encantadora e marcada com esse cunho



pessoal, que nos faz reconhecer a personalidade dum mulher, o seu gosto artístico, a gentileza do seu espírito, como a decoração feita por suas habilidosas mãos.

Além de tornar a casa encantadora de lhe dar esse ar especial dum gosto feminino a presidir, é também a maneira de poder ter uma casa bonita, com economia.

Uma coisa caríssima são os bons tapetes, e que lindo efeito não dá numa sala um tapete de Arraiolos, essa linda indústria portuguesa, que começou a rellorir em Évora a primeira terra do país que teve a iniciativa inteligente de fazer reviver as velhas tapearias que foram o orgulho de nossas avós e que tão lindas são.

E estes lindos tapetes tão nossos e tão belos podem ser feitos em casa por qualquer senhora que habituada de criança a trabalhar saiba aproveitar todos os seus momentos que perdidos não contariam na sua vida, contribuir para que se mantenha a tradição da mulher portuguesa de ser no seu lar trabalhadeira e luminar de qualidades femininas.

É preciso que a mulher apure o seu gosto nas obras de arte, que são esses tapetes, que tornam brilhante uma casa pela sua incomparável beleza. É como é encantador ver um lar ornamentado pelo trabalho de quem é pelo rainha e que prova bem com o seu trabalho o carinho que lhe merece a sua casa.

É um trabalho que entretém, que apura o gosto e que é dos mais interessantes, esse dos tapetes de Arraiolos e que com a sua combinação de cores e lindos desenhos habita a senhora que os fizer a ver a beleza dos tons e a harmonia das linhas e assim educa o gosto e aperfeiçoa esse instinto artístico que, em geral, existe em toda a mulher bem feminina e dotada de qualidades que a fazem o centro do lar.

Coisas curiosas

PARRECE coisa de bruxaria o invento de Germaine Gourdon. Com êle se podem atrair os insetos dum região e, o que é melhor, reduzi-los a pó.

Dá-se entre estes peçonhos seres, um fenómeno que intrigou deveras o sábio Fabre.

Numa dada ocasião, observou êle que dum cortiço de abelhas saíram algumas emissárias encarregadas de procurar lugares mais próprios, mais abundantes em flores. Correram terras e não voltaram.

Foram todas as companheiras estabelecer moradia com elas. Tinham comunicado a distância, o que o sábio não podia explicar.

Jorge Gourdon, sábio francês notou em certa povoação do Jura, que as borboletas eram atraídas por uma lâmpada de mercúrio feita de quartzo fundido.

Continuou as suas experiências no seu laboratório de Paris, empregando os raios ultravioleta passados por quartzo de Madagascar.

Queria descobrir o que atraía a enormes distâncias os insetos e deu com esse segredo não há muitos anos.

Os insetos têm a facilidade extraordinária de poder comunicar a distância, a muitos quilómetros, com os seus semelhantes.

Germaine Gourdon, filha deste sábio inventou uma espécie de rádio para atrair todos os insetos indistintamente, mas uma só espécie de cada vez.

As moscas, os mosquitos, falenas, tsé-tsé, todos aqueles, que ela quer atrair, vêm sem demora. É um verdadeiro aparelho de rádio aperfeiçoadíssimo, que atrai miríades de pequenos bichos, em vez de captar as ondas, uma volta e acorrem as moscas, outra volta e são as borboletas, uma outra e não se fazem esperar os mosquitos.

O aparelho compõe-se dum tubo de quartzo, de uma geradora eléctrica, dum antena de quartzo de Madagascar, dum bomba cilíndrica a que se juntam dois pequenos comutadores e outros acessórios à parte.

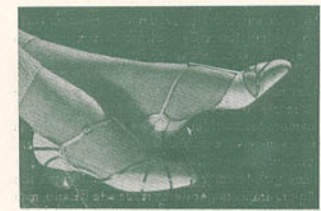
Põe-se o gerador a funcionar, procura-se a onda correspondente a cada espécie de insecto, pois cada uma tem o seu comprimento de onda particular, e, os pobres insectos põem-se logo a caminho.

Ao chegarem ao aparelho absorve-os o incednerador e são logo reduzidos a cinza.

A geradora eléctrica consta de quatro lâmpadas emissoras das quais saem os raios intermitentes que lançam as ondas necessárias à captura dos insectos. Com um aparelho de certa potência pode limpar-se uma região de todos os bichos malignos. Os aparelhos construídos até aqui, não vão além dum raio de acção de 250 quilómetros. Este invento dum mulher, tão útil, deve ser conhecido de todas as mulheres.

A alegria

A mulher alegre é certamente a que vence na vida. A alegria dum olhos bonitos, o sorriso dum boca graciosa, são os melhores auxiliares da mulher. Nada mais desconfortável que



um lindo rosto triste e nada mais feio do que uma jovem rubugenta. A rapariga alegre vence todos os obstáculos. Quem é que não sente o desejo de ser útil a uma graciosa e sorridente rapariga?

A alegria embeleza a mulher, embora não seja de clássica beleza o seu rosto mas um simpático semblante onde brilha a alegria de viver, torna atraente toda a mulher, que sabe alegremente vencer os pequenos contratempos da vida diária.

E a alegria é ainda sintoma dum alma boa, dum consciência tranquila, e quem é que não sente a atracção da bondade? Desse aspecto que a alegria dá às jovens de cérebro sábio, em corpo sábio.

A alegria cultivada-se, adquire-se, por um esforço de vontade e não é preciso que a vida nos corra maravilhosamente bem, para sermos alegres, são às vezes aquelas que mais lutam, as que são mais alegres, mas acabam sempre por vencer.

Higiene e beleza

MUITAS senhoras se preocupam com a gordura que começa a invadir-lhes o corpo e prejudica a sua linha de elegância, e não sem razão, porque um corpo pesado não tem elegância de linhas nem graciosidade de movimentos.

Em geral todas as senhoras descaem um remédio para emagrecer, o que acaba a tor-lhes prejudicar a saúde, ou deixam de se alimentar o que é ainda peor. A única maneira de conseguir o resultado desejado é pela ginástica e pela equitação.

Andar a cavalo emmagrece sem prejudicar a saúde, é o desporto que afina as linhas e mantém ao corpo a elasticidade desejada.

É evidente que quem tem tendências para engordar tem de ter um certo regime, não comer farináceos, nem fenculentos, mas alimentando-se bem com carnes grelhadas, peixe cozido ou grelhado, hortaliças e fruta. Dentro deste regime, pode satisfazer-se o organismo sem que a saúde se resinta na mínima coisa e conseguir o desejado fim.

De mulher para mulher

Violeta branca: No meio luto usam-se os vestidos em tecidos leves, cambraias, etâmines, organdis, em branco e preto, roxo, lilaz, são cores que ficam muito bem e são lutasas, para o vestido de seda branca, basta pôr-lhe um cinto em polimento preto e no decote um laço em fita *crêpe*, preta: Fica *chic* e é luto. Continua cada vez mais o uso de andar em cabelo.

Tanjours: Não tome compromissos tão longos porque é sempre difícil cumpri-los. Sempre é muito, e a natureza humana é muito variável. Faça o *tailleur* nesses lindos tons pastel, que tornam tão graciosas as meninas. A melhor maneira de não esquecer o francês é ler muito, assim fixa o que aprendeu e não perde a construção da frase.



Rainha Farida do Egipto.

Todos nós fomos criados a ouvir contos de fadas, em que as raparigas boas e lindas são procuradas pelos reis, para fazer delas suas esposas, rainhas poderosas de imaginários e ricos países.

A todas nós parece um sonho, êsse encadear de peripécias, que una a poderoso trono uma pobre rapariga que apenas tem a recomendá-la a sua bondade e a sua beleza.

Mas se em creanças nos admiramos de tão bela sorte nas raparigas boas e formosas, depois de adultos, mais incrível e inverosímil nos parece a fantasia de quem gerou no cérebro e publicou mais contos, habituados como estamos à prática vida moderna onde acima de dotes pessoais, de formosura e de alma, estão os predicados de nascimento e fortuna, que fazem com que os reis poderosos só procurem as filhas de outros reis, mais poderosos ou mais ricos.

Em geral os contos de fadas são ainda extraídos dos célebres contos das mil e uma noites. Vêm-nos do Oriente, e é também do Oriente que nos vem a história linda do casamento do Rei do Egipto o joven e belo rei Farouk.

Sonhador como os príncipes dos Contos de Fadas, rei do Egipto êsse maravilhoso país que ainda apesar das Caravanas Cook que o atravessam, para hibernar em clima suavemente temperado; se conserva fechado e misterioso à compreensão europeia, que assombra com as suas Pirâmides e a sua Esfinge, banhado pelo Nilo, êsse rio de sonho que fertiliza com as suas cheias êsse país árido e ardente, país que tem na sua tão antiga história magnificências extremas e dolorosas escravidões, é sem dúvida o país dos grandes amores.

Farouk o seu joven rei não deixa ficar mal a tradição, apesar da sua educação europeia, quasi toda feita em Inglaterra; da onda de materialismo prático em que se viu envolvido, na sua vida da Europa e que poderia fazer murchar na sua alma a pequena flor azul da poesia, conservou no seu aveludado olhar de oriental todo o

Casamento real que lembra um conto de fadas

sonho de poeta, que o duro officio de reinar não escureceu e quando o seu coração falou, ouviu-o e atendeu-o.

O rei Farouk tem irmãs princesas lindas, meninas alegres, que têm uma educação europeia e livre de preconceitos tornou comunicativas e acolhedoras para as meninas da sua idade, companheiras dos seus folguedos e dedicadas amigas. Entre elas como um astro de beleza, fulgurante de frescura e graça, era uma das preferidas Farida, menina de dezasete anos, bela como uma estátua antiga, graciosa como a mais moderna das raparigas.

Filha dum austero magistrado o juiz Vanssef Pachá Zulfear, dum nobre família egípcia, poderia a linda Farida aspirar a fazer um bom casamento, mas o que talvez, nem ela nem os seus sonhos é que Farida se tornasse rainha do Egipto, como lhe prometera a boa fada sua madrinha, que presidira ao seu nascimento.

As jovens princesas boas desportistas trouxeram da sua educação inglesa o hábito de jogar o «tennis». Sua companheira e parceira habitual nesse jôgo era a Farida a linda filha do juiz, hábil tenista, desenvolvida e graciosa alegre como a própria primavera que os dezasete anos personificam.

Farouk tennista consumado habituado a brilhar nos afamados «courts» do Club de Ranelagh onde a melhor aristocracia de Londres se reúne e onde o futuro rei do Egipto era muito querido, habituou-se a descansar do pesado encargo, que sobre as suas costas pesa jogando partidas de «tennis» com suas irmãs e as suas amigas.

A graça fresca de Farida, a sua culta conversa a sua beleza fascinante, atraíram o joven rei e os seus encantos prenderam-no, nesses momentos em que êle esquecia, que era rei para só se lembrar, que era novo, que era alegre, que era belo e que era homem.

O amor nasceu, cresceu, com a convivência quotidiana, correspondido, o rei tomou a inabalável resolução de casar, não com uma filha de reis, mas sim com aquela que o subjugara com o seu doce sorriso, que conquistara para sempre o seu coração e Farouk comunicou ao seu povo a sua firme tenção de desposar a filha do juiz Zulfear.

E o povo com essa intuição, que a ingenuidade dá às creanças e aos povos aceitou com a mais profunda alegria essa notícia, que levava ao trono dos seus reis uma egípcia patriota ardente, que seria depois de Cleopatra a primeira rainha dum Egipto independente.

Farida a ingénua e atraente rapariga, vem a ser a continuação da ardente e voluntariosa Cleopatra a apaixonada de Marco António, que dizia preferir desposar o seu reino a que Marco António ausente ficasse um dia sem uma carta sua. À impetuosa Cleopatra com um intervalo de séculos, sucede a suave Farida.

E com o assentimento do seu povo, a alegria de suas irmãs, e a felicidade de todos realizou-se há meses o casamento de Farouk com Farida enamorados sorridentes belos, foram victoriados pelo seu povo e as festas do casamento, foram dum luxo extraordinário, nelas o rei demonstrou o seu grande amor pela formosa rainha, que lhe não era imposta por duras razões de Estado, mas sim escolhida pelo seu coração apaixonado.

Foram imensas as prendas com que êle a brindou pois sendo um dos mais ricos reis, possuidor dum incalculável fortuna em jóias, as perolas da casa real do Egipto são um verdadeiro assombro, êle pode cobrir de preciosidades o ídolo da sua alma, essa joven que passou de ser a filha do respeitado juiz, simples subdito a ser a soberana adorada do seu povo.

E na primeira festa da sua côrte a sua primeira recepção ao Corpo Diplomático e como que a sua apresentação ao mundo como rainha do coração de Farouk, e do reino do Egipto, Farida vestiu de novo o seu vestido de casamento êsse lindo vestido em «lame» de prata que a revestiu de brilho, fazendo brilhar o seu belo corpo de mulher nova e saudável. Sobre a longuíssima cauda, colocou o véu de tule que usou no seu casamento e que adoça o brilho do tecido do vestido, envolvendo-a como um sonho, que representa o seu sonho de amor.

Na cabeça a maravilhosa tiara de brilhantes feita com pedras magníficas, que há séculos adornaram outras rainhas do país das riquezas fabulosas. Ao pescoço o colar com três ordens de brilhantes, todos enormes e da mais pura água, colar sem igual no mundo e com que o rei quiz talvez significar o incomparável brilho do seu imenso affecto, assim como o riquíssimo bracelete que nesse dia usava, tudo presentes do enamorado monarca, que com êles quiz significar-lhe a teara, o poder de que a investiu, poder de soberana dum povo, o colar a cadeia de amor que em três ordens a prende cada ordem significando amor, ternura e dedicação, como o bracelete significa a cadeia que a êle a liga. Simbolos de amor que fazem da bela Farida uma rainha de Conto de Fadas, uma mulher com um destino único.

E que ela saiba conservar o affecto do seu esposo e bem merecer a afeição do seu povo, tão enamorado da sua joven rainha como o seu soberano da sua mulher.

Farida na sua primeira recepção soube ser a rainha graciosa e tímida, acolhedora e doce que encanta e prende. Uma majestade feita de ternura e beleza envolvia a encantadora figura daquela que ainda há pouco, era uma menina como tantas meninas do Egipto, mais bela e mais graciosa do que muitas, mas simples como quasi todas, e que é agora a primeira figura do seu país.

Êste romance de amor, tão simples e tão puro, que acaba como nos Contos de Fadas, com o casamento dum rei com uma sua subdita, apaixonou e encantou todas as mulheres do Mundo, porque a mulher está sempre pronta a enternecer-se com as histórias de amor.

E se é bem simples e sem complicações a história de Farouk e Farida, pela sua singeleza, pela frescura e mocidade que desde romance se evolva, ela é uma das mais lindas histórias destes últimos anos.

História de fadas, conto de outras épocas, que nos trás à lembrança a época de amores desinteressados e que nos prova que na alma dos homens de hoje, como na alma dos de hontem existe sempre a flor da poesia e que o amor floresce hoje como sempre, no coração dos reis, que sentem como os seus subditos o encanto dum rapariga pura e bela.

MARIA DE EÇA

FIGURAS E FACTOS



Dr. Balbino Rêgo, ilustre médico-cirurgião e director do Posto Antropométrico do Governo Civil recentemente falecido num dos quartos particulares do Hospital de S. José



O ilustre escultor Diogo de Macedo, escritor brilhante que acaba de publicar uma monografia evocativa intitulada *Gata—de nome e renome*. Este livro equivale um monumento



Armando Crêspo, comerciante de Lisboa e no Pôrto, administrador delegado da Sociedade Espinho-Praia, recentemente agraciado pelo Governo com a Ordem da Benemerência



O Romance no Século XVII é o novo livro que o belo espírito de Alberto Xavier acaba de publicar, focando magistralmente a evolução da literatura europeia nessa época



Mestre Viana da Mota entre alguns dos principais convidados à recepção dada em sua honra pela Embaixada do Brasil por motivo do jubileu do glorioso artista. — À direita: O sr. ministro das Colónias com a direcção da Sociedade de Geografia por ocasião da sessão de encerramento da «Semana das Colónias»



Em cima, à esquerda: Parentes das vítimas da horrorosa tragédia de Viana do Castelo, vendo-se no primeiro plano o menor Joaquim Novais de Amorim que, tendo saído ileso do desastre, nele perdeu o pai, a mãe e uma irmã. — À direita: Homenagem em frente do monumento a Sá da Bandeira comemorando o 80.º aniversário da abolição da escravatura. — Em baixo: O sr. Hugo Rocha lendo a sua conferência no Congresso Açoreano



A ESQUADRA FRANCESA NO TEJO

Por absoluta falta de tempo não pudemos dar a reportagem da visita da esquadra francesa o que faremos no nosso próximo número.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic de Mitologia de Chompré; Foneiro de Pedro Cha-ves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas.

IMPRENSA

O *Charadista*. — Acaba de sair o n.º 74 desta famosa revista que dá fecho ao grande torneio edipista, iniciado no número anterior.

Algumas das produções que encerra são de grande beleza e perfeição. Mais uma vez felicitamos «Jofralo», seu hábil organizador e nosso estimado confrade e amigo.

CORRESPONDENCIA

Luanda. *Ti-Beado*. — Temos recebido regularmente a remessa da vossa colaboração que agradecemos e esperamos se faça continuar. A lista referente ao n.º 4, já não chegou a tempo de ser publicada.

ERRATA

A charada novíssima n.º 5 do n.º 13 deve ter a numeração: 1-2.

RESULTADOS DO N.º 5

(1.º NÚMERO DO TORNEIO)

Decifreadores — TOTALISTAS — (17 pontos)

Barão Y, Ramon Lágrimas, Infante, Sol de Inverno, Alvarinto, Edipo, Fosquinhas, Ká-bula, Lérias, M.ª Lérias, Ricardo, Soba da Torre, até Hoje, Mr. Dell, Niomar, Rosa Sil-vestre, Al. Ciro, S. José, Al. Sousa, Hanibal, Frak & Fort, Luiz Ferreira, Frasilfra e Ti-Beado

OUTROS DECIFRADORES

Agasio — 16. Matina — 15. Carochinha, Nell, Menina Rabina, Voltaire, Príncipe Alex Kar-kejoif, De Negro, Fuguigas, Homem-Som-bra e Pechelingue — 14. Visconde X — 10. Zarabasto — 8

DECIFRAÇÕES

1 — Arvela. 2 — Levedura. 3 — Abastardado. 4 — Estado 5 — Sobreaviso. 6 — Abalisadamente. 7 — Sadiamente. 8 — Pavana. 9 — Formado. 10 — Felisbela. 11 — Obrigado. 12 — E(xa)ra. 13 — Ter(nu)ra. 14 — Ra(mei)ra. 15 — A(bro)lho. 16 — Ti(ra)na. 17 — Ba(lo)fo. 18 — Ave por ave e carneiro se voasse.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

1) Duas ninfas de olhos nédios,
Qual delas a mais formosa,
Filhas das D. Remédios,
Mulher *esperta* e inda airosa, — 3-1-4-1-8

Dão sempre um lindo passeio
Pelos campos, manhã cedo,
Sem nunca terem receio
De alguém que lhes meta medo.

Mas um belo dia «vão» — 7-2-8-2-5
Dar o giro matinal
E lá num *cantô*, um serrão — 5-2-3-4-8
Desafia as para o mal.

Sem *proteção*, as meninas, — 8-4-2-5-6
Veem-se em palpos de aranha
Para fugir às felinas
Daquela afronta tamanha.

Então elas, coitaditas,
Meteram por um carroiro
E lá se foram, álitias,
Soltando enorme *berreiro*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA
Desporto mental
Sob a direcção de ORDISI
NÚMERO 14

ANTIGAS

A. M. L.

2) Também a ti, que vivias
Tão alegre e descuidada,
Em doce amor enlevada, — 1
Nesse teu humilde lar,
Quizeram roubar a luz
Que por dom da natureza
Era tua... a! que tristeza
Deve ser o teu penar!...

Tens razão chorando a sina,
Tua sorte abominável,
Dum rigor inegalável
Que da fé te faz descreir,
O! alma pura, singela, — 2
A quem a desdita vela,
Nas horas que vão passando,
Sem vislumbres de prazer!

Infeliz de quem já nasce
Para o rol da desventura
Como tu, minha dogura,
Que mais descendes dos céus!...
Eu te choro a negra sorte,
Essa *louca* adversidade,
Por ser's digna de piedade
E da justiça de Deus!

Lisboa *Fero (L. A. C.)*

Com vénia e respeito ao mestre Sileno

3) As alfacinhas galantes,
Sempre adoráveis e ternas,
Tornam as mostrar as pernas
Que nos ocultavam dantes.

«O que é bom é p'ra se ver...»
— Diz alguma, que é garraia.
E vá de subir a saia
Para a gente entontecer...

22) ENIGMA FIGURADO



Leiria *Magnate (L. A. C.)*

Até onde, bem ao certo, — 1
Ninguém adivinhará;
Mas crê-se que subirá,
Talvez, inda mais que um metro!!!

Mas há pernas, Deus do Céu, — 1
Que me não causam ardor;
E, a meu ver, era melhor
Que as não trouxessem ao léu...

Cá por mim *nunca* protesto,
Aprecio-as p'la calada...
Vejo mas não digo nada,
Meu voto não manifesto.

Lisboa *Infante*

TRABALHOS EM PROSA

NOVISSIMAS

4) Não deve tornar a *acontecer* você *aparecer*
e eu não lhe *obedecer*. — 1-1.

Lisboa *Ricardo (T. E.)*

5) Deverei *afastar-me* de mulheres que andem
«a» *confessar faltas íntimas*? — 2-1.

Lisboa *Visconde da Relva.*

6) É *nociva* esta *feuda* no pequeno *marachão*.
— 1-2.

Lisboa *Príncipe Alex Karkejoif (M. D. C.)*

7) Mulher, *lôste inconveniente*: segundo a boa
educação nunca se deve dizer uma *grosseria*. — 1-3

Lisboa *De Negro (M. D. C.)*

MEFISTOFÉLICA

8) A *feiticeira* tinha *fome* de ouvir *certa mû-*
sica antiga. (2-2) 3.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

(Ao *Edilva*)

9) Num barbeiro, quem tem *cabelo raro* já
sabe *estar sujeito* a *pagar bem* pelo trabalho de
procurar os pêlos. (2-2) 3.

Lisboa *Négus Veiga (Abexins)*

SINCOPADAS

10) Nem sempre um *rei* *consegue* a dedicação
do seu povo. — 3-2.

Lisboa *Palavra de Houa (Abexins)*

11) A sentinela da *fortaleza* ia morrendo com
o *frio* da noite. — 3-2.

Lisboa *Sinhá Durol (Abexins)*

12) Ele quis enforçar-se mas teve medo que
a *corda* não fôsse bem *forte*. — 3-2.

Lisboa *Edilva (Abexins)*

13) Um *conselho* de velho *tem* muito valor. — 3-2.

Lisboa *Augusta Vitória (Abexins)*

14) Num dia de calor *ardente* um sujeito *gros-*
seiro andava *quási* nú. — 3-2.

Lisboa *Ras Ferjobatos (Abexins)*

15) Confrades: eis duas palavras que por ve-
zes se observam intimamente ligadas: *lombos* e
casamentos. — 3-2.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

16) Um *abôrito* é sempre *causa* dêste ou da-
quêle *defeito*. — 3-2.

Lisboa *Ramon Lágrimas (T. E.)*

17) As personagens daquela *dança antiga* usa-
vam uma *faixa* à roda da cinta. — 3-2.

Lisboa *Voltaire (M. D. C.)*

18) É *acre* a paixão que tenho pela minha *pro-*
fissão. — 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

19) Ir para a *praia* no inverno não deve ser
próprio. — 3-2.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

20) É sinal de úlcera a *mancha* que existe na
radiografia que tiraste ao *estômago*. — 3-2.

Lisboa *Rina (L. A. C.)*

21) A todos *agrada* uma boa *opinião*. — 3-2.

Lisboa *Ricardo (T. E.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo,
redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º
— Lisboa.

AS NOSSAS COLÓNIAS

DAMÃO

HOUVE tempo que se falava de Damão com uma certa mágoa, afirmando-se que uma lamentável incúria deixara cobrir as obras de defesa com vegetação parasitária que as transformara num grande ninho de cobras capelo e que em cada baluarte havia um pântano e em cada falsa-braga um viveiro de micróbios. Mais se dizia que um amplo fôso ali aberto e cheio de água estagnada era a origem dos paludismos que cavavam a sepultura de centenas de vidas.

Hoje, felizmente, embora os melhoramentos realizados não satisfaçam tão plenamente como seria para desejar, muito se conseguiu, podendo dizer-se que a praça de Damão ostenta hoje os seus baluartes e cortinas com a mesma altivez com que recebeu os privilégios idênticos aos de Evora, por carta régia de 14 de Março de 1616.

Sabemos que a primitiva praça e a povoação hindu foram conquistadas em 1534 por Martim Afonso de Sousa, sendo Nuno da Cunha governador da Índia. Passando depois para o rei de Cambaia, foi por êle cedida em 1558 ao Governo português, mas só em 2 de Fevereiro do ano seguinte é que D. Constantino de Bragança, sendo vice-rei, se apossou dela à fôrça de armas, tirando-a ao poder do valoroso Eidi Bofetá Abissino.

Vinte e cinco anos depois começaram os ingleses a navegar por essas paragens,

onde se declaravam rivais dum poder estabelecido e firmado à custa de muito sangue.

Enfim, Damão subsiste.

Nas gravuras que ilustram esta página, vê-se, em cima, um aspecto da rua Lemos Pimentel que se dirige ao rio Sandalcalo. Em baixo, à esquerda, o forte de



S. Jerónimo construído em 1627 pelos portugueses, e à direita, o Salão D. Luiz I, onde funciona a Escola Primária de Português, ficando na parte sobradada o Grémio Literário.

Estas fotografias amavelmente cedidas pelo sr. Cavás Sorabji Khabardar, mostram nitidamente que êsse Damão de que se falava em tempos com certa mágoa, não é o mesmo de hoje. Muito se avançou e muito se melhorou.

Hoje Damão honra briosamente as nossas tradições.

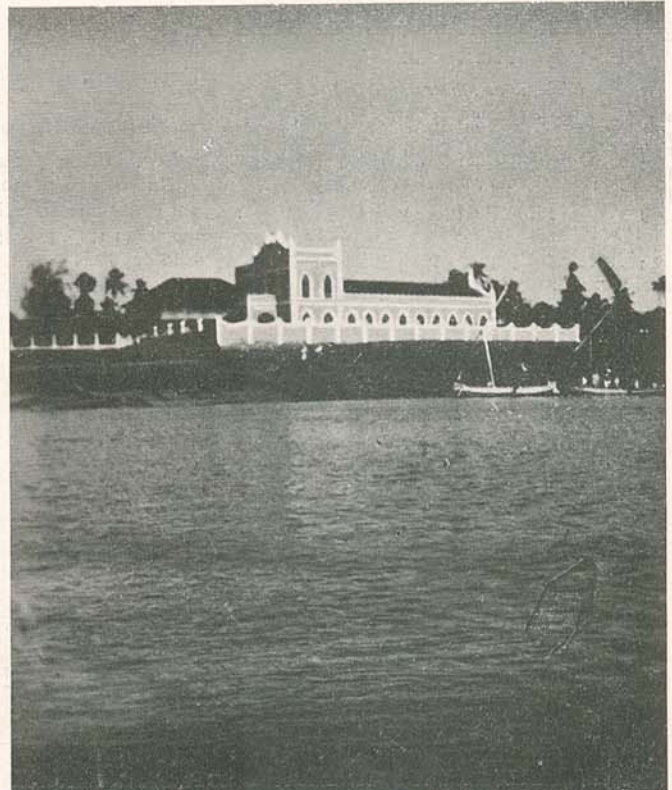
E continuará a desenvolver-se, mostrando assim que o esforço de Martim Afonso de Sousa não resultou nulo ao cabo de quatro longos séculos de posse.

Pode tolar-se o céu, escurecer o panorama universal, ribombar a trovoadá que as nações, à semelhança de nuvens carregadas de electricidade, tantas e tantas vezes provocam, que Damão há-de manter-se no seu pôsto, ou êle não tivesse S. Jerónimo a protegê-lo.

Como se sabe, S. Jerónimo é o santo advogado das trovoadas.

Uma questão de fé — dirão — mas foi com fé que Portugal se aventurou através dos "mares nunca dantes navegados," e descobriu mundos novos e novos horizontes.

Damão, de que tão pouco se fala, merece esta pequena referência.



PIRELLA PIRELLA PIRELLA

Bridge

(Problema)

Espadas — — —
Copas — A. D.
Ouros — R. 5, 4
Paus — 4, 3, 2

Espadas — — — N Espadas — R.
Copas — V. O E Copas — R. 10, 9, 8
Ouros — D. 10, 8, 7 Ouros — V. 9, 6
Paus — A. R. D. S Paus — — —

Espadas — A. 3, 2
Copas — 3, 2
Ouros — A. 3, 2
Paus — — —

Trunfo espadas. S joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

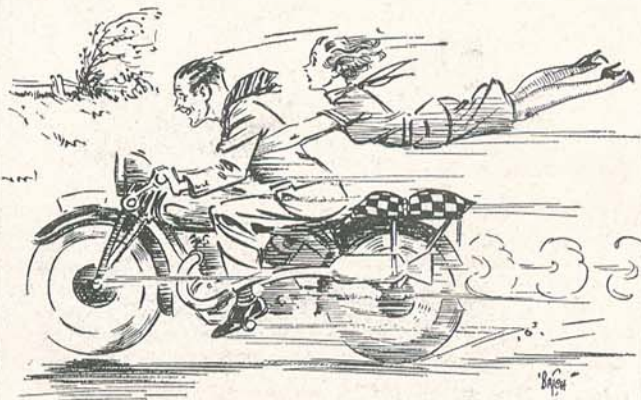
S joga A o, R o e D o, baldando-se N ao 10 c.
S joga 2 c e N A c.
(a) N joga V p, E 5 c, S V c, O 8 p.
S joga 9 o, O 8 o, N V c, E 8 c.
S joga 5 c e N faz o 8 c.

(a) Se quando N joga V p, E se balda, temos:
N joga V p, E 8 c, S 5 c, O 8 p.
N joga 9 p. S corta com V c.
S joga 9 o. N corta com 8 c e cumpre.

Xadrez

(Solução do número anterior)

1. T — 2 R 2. D — 7 TD 3. D ..+ ou B ..+
D x PT ad lib. Mate
1. 2. P — 5 R 3. T ..+
T x B ad lib. Mate
1. 2 B x P+ (desc.) 3. C — 2 D+
P x P ad lib. Mate
1. 2. T — 3 R 3. B ..+ ou C ..+
Qualquer outro ad lib. Mate



Ahas confortável a almofada nova, Suzana?

(De «London Opinion».)

Seqüência desorganizada

(Solução)

«A mão tremeu-lhe, a bandeja desequilibrou-se, um copo caiu, o vinho entornou-se, o vestido molhou-se, a mancha ficou.»

Nenhum quadro pode ser pendurado nas paredes do Louvre, em Paris, sem terem decorrido pelo menos dez anos depois da morte do seu autor.

De quem são as pernas?

(Problema)



A gravura representa umas poucas de pernas de vários animais. Trata-se de identificá-las, olhando com atenção para todas elas e vendo se descobrem a que animal pertence cada uma. São todos bem conhecidos.

A primeira mulher aeronauta

Foi uma francesa, M.^{me} Blanchard, que, em 6 de julho de 1819, se despenhou e veio a morrer sobre o telhado duma casa de Paris. O balão em que ela ia, tinha largado dos jardins de Tivoli, onde fica actualmente, o Casino de Paris — e começara a arder no ar.

Seu marido, Francisco Blanchard, inventor do pára-quadras, havia dez anos antes tinha caído do balão e morrido em consequência disso, na Haya, em 1809.

O precioso instrumento

Descobriu-se, recentemente, em Turim, um violino que os peritos no assunto declaram ser um verdadeiro «stradivarius», fabricado em Cremona em 1718, pelo grande mestre jamais igualado depois.

Os «stradivarius» agora estão quasi todos conhecidos e catalogados. O que ultimamente appareceu está na posse dum melômano a quem o som do instrumento, tocado por um cigano, encantára. Propôs ao artista ambulante trocar o violino por uma guitarra, áqual todavia, estimava. Depois dum breve colloquio, concluiu-se o negócio.

O músico, nunca na sua vida, fizera nem faria outro melhor, pois o violino assim adquirido vale muitas centenas de milhares de francos.

Palavras cruzadas

(Passatempo)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
12				13					14		
15			16					17		18	
19										20	
	21	22			23	24	25	26			
	27				28			29			
			30	31			32	33			
			34								
35	36				37				38	39	40
41			42	43			44				
45										46	
47		48	49	50	51	52				53	
54			55							56	
57		58					59			60	

Horizontais:

1 — Príncipe tártaro. 4 — Acto praticado contra a lei de Deus. — 9 Substância dura e friável que se dilui na água. 12 — Som repetido. 13 — Prelado tártaro. 14 — Duração dum certo tempo. 15 — Tempo do verbo «ir». 16 — Tinha tornado a ler. 18 — Soberano Oriental (inv.). 19 — Símbolo do lutécio. 20 — Laço apertado. 21 — Epíteto de Baco. 23 — Instrumento de uso doméstico. 25 — Instrumento muical. 27 — Interjeição. 28 — Pronome pessoal. 29 — Nota musical. 30 — País onde se nasce. 34 — Árvores vulgares. 35 — Um dos signos de Zodíaco. 37 — Símbolo do tálio (inv.). 38 — Governador de cidade asiática (inv.). 41 — Ilha pequena formada por um rio. 43 — Combinação de preposição e artigo. 44 — Estado alotrópico do oxigénio. 45 — Letra grega. 46 — Gaz atmosférico (inv.). 47 — Verbo neutro. 48 — Membrana que envolve o cérebro. 53 — Conjunção copulativa (estranj.). 54 — Advérbio de lugar. 55 — Filho de Salomão. 56 — Nota musical. 57 — Artigo definido. 58 — O que o ouvido percebe. 59 — Prática. 60 — Artigo definido.

Verticais:

1 — Compositor português. 2 — Planta desprovida de caule. 3 — Laço apertado. — Pronome pessoal. 6 — Pedras cozidas no forno e reduzidas à cor branca. 7 — Nome feminino (inv.). 8 — Oferecer. 9 — Igreja catedral. 10 — Membrana interna da duramater. 11 — Frouxo. 16 — Homem culpado de crime. 17 — Metal combinado de carbono e ferro. 22 — Frutos do jambocero. 23 — Uma das partes da flor. 24 — Que tem grandes orelhas. 26 — Cargo público. 30 — Rio. 31 — Nota musical (inv.). 32 — Tempo do verbo «ir». 33 — Artigo definido. 35 — Género de teatro. 36 — Paus de apertar os mastros dos navios. 39 — Sucessos que tornam difficil o desfecho da acção duma peça de teatro. 40 — Notícias espalhadas rapidamente e em rumor. 42 — Parasita, transmissor de doença perigosa. 44 — Líquidos untuosos. 49 — Título honorífico. 50 — Símbolo do bromo (inv.). 51 — Ablativo dum pronome latino. 52 — Ramo de árvore cortado.

Dizia um fidalgo antigo, que quem tinha um só criado, o tinha tódo inteiro; quem tinha dois tinha só metade, e quem tinha três não tinha nenhum; porque enquanto um se fia nos outros, nenhum d'elles faz o que deve, e nenhum serve.

A opala mostra as suas cores delicadas quando aquecida, e os negociantes conhecedores desta particularidade, conservam a opala na mão durante um bocado, antes de a mostrarem de forma a fazer-lhe realçar o brilho.

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. Banaboião, anacoreta e mártir

novο romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. **12\$00**
 Pelo correio à cobrança . . . Esc. **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 75-LISBOA**

Acaba de aparecer

A 2.^a EDIÇÃO, CORRIGIDA

DE

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

por **SAMUEL MAIA**

1 volume, brochado **12\$00**
 Pelo correio à cobrança **13\$50**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA,
 o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado **12\$00**
 Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA**

Uma boa colecção de livros
 de grandes autores
 dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
 contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
 que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
 adoptado nalguns países da Europa e especial-
 mente da América,—contribue-se para a cultura
 dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
 dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
 e cinco escudos,** segundo a importância
 da compra, **sem fiador, sempre com
 a bonificação do sorteio e com
 direito à escolha de obras men-
 cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
 o sorteio não paga mais nada,
 saldando assim a sua conta
 apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
 do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
 nollel e Dr. Edmundo Adler,
 com um prefácio do Dr. L. Cas-
 tro Freire e com a colaboração
 do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo
 volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DOCES E
 COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
 351 páginas. **25\$00**



DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00 10\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00 10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETerno FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00 10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CHIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas,
profusamente ilustradas,

Esc. 10\$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
- 44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — *O padre Johann*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gelos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.^a prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (so dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.^o prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.^a prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA